ANO 3.º LISBOA--SEGUNDA-FEIRA, 4 DE FEVEREIRO DE 1924 N.º 866

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

O CHEFE do Estado seguiu hoje para o Porto. O comboio presidencial saiu da estação do Rocio ás 9 e 20. Acompanharam o sr. Teixeira Gomes os srs. dr. Alvaro de Castro, coronel Sá Cardoso, Jaime Atias, Luis Barreto da Cruz, primeiros tenentes João Portela e Arantes Pedroso, capitão Florentino Martins, general Vieira da Rocha, etc.

Na *gare* estiveram a despedir-se do sr. Presidente da Republica os srs. ministros da Marinha, Guerra, Estrangeiros, Instrução, Trabalho, generais Roberto Baptista, Pedroso de Lima, Abel Hipolito, tenente-coronel Maia Magalhães, coronel Freiria, major Azevedo, tenente-coronel Raul Esteves, dr. Antonio da Fonseca, Agatão Lança e muita oficialidade do exercito e funcionalismo publico.

A guarda de honra foi feita por um batalhão de infantaria da Guarda Republicana, sob o comando do tenente-coronel Cortez. A banda do comando geral executou a *Portuguesa* á entrada do sr. Teixeira Gomes.

Na *gare* estava uma grande força de policia comandada pelo tenente Graça.

* * *

D'ANNUNZIO está em vesperas de ser conde—conde de Fiume. A sua obra, lirica e dramatica, heroica e amorosa, ha muito que o fez principe da Renascença.

O titulo nobiliarquico que o rei da Italia lhe vai conceder pouco acrescenta á sua gloria. O capitão dos *arditi* não criou uma epopeia, pois que para tanto não basta um golpe de audacia.

Ainda assim, ligou aos destinos da Italia uma cidade que a diplomacia queria tornar neutra. Os que têm lido e admirado a sua obra dificilmente hão-de reconhecer no novo titular de Fiume o seu idolo.

O mesmo não diremos dos italianos: estes, sob a luz dos sentimentos patrioticos, hão-de vê-lo, sobretudo, como aviador e soldado.

* * *

NÃO é de mais insistir no assunto: o tabaco nacional que ainda ha pouco tempo foi categorisado com um aumento pesadissimo, começa a desaparecer do mercado. Pregunta-se aos donos dos estancos o motivo e eles respondem:

—A Companhia não fornece o tabaco suficiente para o consumo.

Se fossemos interrogar a Companhia era muito capaz de contestar:

—Nós fornecemos. A culpa é dos proprietarios de tabacarias.

E nisto andamos e nisto andaremos até que apareça um governo com a fôrça indispensavel para governar o povo—impedindo de fazerem o que querem os que á custa do povo regaladamente se governam...

* * *

A COLONIA hespanhola de Portugal tem desde hoje um orgão na imprensa escrito em castelhano Intitula-se *Hispania* e traz variada colaboração, tendo um excelente aspecto grafico. Na primeira pagina publica as fotografias dos chefes dos Estados português e espanhol. A redacção é no Palacio Almada, no largo de S. Domingos.

* * *

NA sua sessão de depois de ámanhã, o Senado ocupar-se-ha de um projecto sobre a extinção das comarcas, assunto que continua preocupando toda a opinião da provincia. Esse diploma tranquilizará os receiosos. Eis o que desde já se pode asseverar. E não é pouco.

CAMÕES
ENAMORADO

O grande artista que disse:

Amor é um fogo que arde sem se ver
é ferida que doe e não se sente
é um desconten.amen.o descontente,
é dôr que desatina sem doer,

definindo admiravelmente nas catorze exclamações de um Soneto o que é o Eros dos Helenos e o que são as lagrimas das cousas;

o que na Canção autobiografica confessa, que

... as lagrimas da infancia já manavam
com uma saudade namorada...
e o som dos gritos que no berço dava
já como de suspiros lhe soava...

claro que foi sem duvida alguma, mais do que um Namorado, foi um verdadeiro Apaixonado.

E sempre apaixonado! Desde a cabeça de oiro e neve de Coimbra, pela alma gentil de Natercia, os corpos ardentes de Barbara e

(Quadro de Columbano Bordalo Pinheiro)

de Dinamene, a nobreza de D. Francisca de Aragão, e a excelsa Infanta D. Maria, que platonicamente, mas «de profundis» adorava! cons an emente amava.

Querermos res ringir na nossa memoria os amores de Camões a um só veneno amoroso, a triaga dum só doce e piedoso mover de olhos, parece-me falsa, mesquinho e deshumano.

E apenas um exemplo classico do amor unico sei. E' o superlormente exteriorisado de Petrarca, na «Vida e Morte» de Madonna Laura. Mas, belo embora, ele é para mim... teatro. A realidade era outra, como sabem muito bem os que estudam a historia das literaturas e sobretudo a Vida humana.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos

WILSON foi uma das maiores vitimas da inconstancia da fortuna.

Apenas o tratado de Versailles começou a revelar as suas imperfeições, levantou-se contra ele um grande clamor de indignação.

O seu idealismo juridico e cristão só provocou criticas e desdens.

Apezar disso, ele fica sendo uma das poucas figuras que, no meio da guerra, sentiram a necessidade de proteger a humanidade.

O pensamento que inspirou a Sociedade das Nações é belo e generoso.

Emquanto os negociadores da paz só cuidavam de defender, com cegueira egoista, os interesses dos seus paises, Wilson pairou acima deles, tentando crear entre os povos um equilibrio duradoiro.

Por isso, a sua memoria não perecerá tão cedo, pois que lançou á terra, manchada de sangue, uma semente de justiça redentora.

* * *

E' MUITO interessante o numero ilustrado, de 70 paginas, que a revista «Nação Portuguêsa» dedicou ao Brasil.

Dentre a variada colaboração que insere, destacaremos: «Saudação ao Brasil», por Afonso Lopes Vieira; «Da historia da colonisação do Brasil referida ás missões religiosas», por J. Lucio de Azevedo; «A lingua portuguesa no Brasil», por Manuel Múrias; «Portugal-Brasil e a diplomacia inglesa», por Bettencourt Rodrigues; «A génese da colonisação do Brasil», por Carlos Malheiro Dias; «Das belas letras brasileiras», por Luís de Almeida Braga; «O futuro politico do Brasil», por José Augusto Vaz Pinto e «A lição do Brasil», por Antonio Sardinha.

* * *

JOSÉ de Matos Braamcamp, distinto engenheiro, está em Paris, de onde segue para Londres, a fim de continuar ali os trabalhos da colaboração de Portugal, no 4.º Congresso do Frio, que se realisa na capital inglesa, na primavera proxima.

O sr. José de Matos Braamcamp, que é uma verdadeira competencia na sua especialidade, com a maior cotação nos meios estrangeiros e, como tal, escolhido pelo Instituto Internacional do Frio para seu delegado oficial, preparará tambem, com o capitão de mar e guerra sr. Salazar Moscoso e o representante que a Camara de Lisboa designar para esse fim, a organisação definitiva da Associação Portuguesa do Frio.

* * *

O SR. dr. Veiga Simões, ministro de Portugal em Berlim, enviou ao sr. presidente do ministerio o seguinte telegrama:

«Apresento a V. Ex.ª e ao governo da Republica a expressão da minha profunda magua pelo falecimento do grande mestre Teofilo Braga, cuja obra admiravel acordou a consciencia nacional e foi a sua maior expressão nos nossos dias.»

* * *

REGRESSOU ontem do Rio de Janeiro o distinto desenhador sr. Jorge Barradas que alcançou um grande exito artistico com a exposição dos seus quadros na capital brasileira.

* * *

CREMOS saber que o novo presidente da Camara dos Deputados é o sr. Rodrigues Gaspar e que a eleição se realisará ainda esta semana.

Pelo «sport»

FOOT-BALL

Os desafios de ontem

Ontem, em Palhavã, jogaram em primeiras categorias: o Victoria com o União e o Belenenses com o Casa Pia.

O primeiro «match» terminou por um empate—0 0—um empate em que mais uma vez se manifestou a proverbial falta de «chance» do grupo de Setubal.

O Casa Pia repetiu a façanha da primeira volta dos campeonatos desta epoca, batendo o Belenenses—e desta vez por um «sevre» que nem o Rabestana previria.

Seis bolas a uma, nada representa dos valores comparados dos dois «onzes» de Belem. Mas, já agora, esta segunda «poule» do campeonato da primeira divisão, parece estar apostada em constituir uma «boîte à surprise» ..

A classificação dos cinco «privilegiados» é a seguinte:

1. Casa Pia—7 pontos.
2. Sport Lisboa e Bemfica—6 pontos.
3. Sporting—5 pontos.
4. Belenenses—4 pontos.
5. Imperio—0 pontos.

O «Espanha-Italia»

O desafio entre as «équipes» de Espanha e de Italia, que se realisa em Milão no proximo dia 9 de março, está suscitando um interesse enorme nos meios desportivos do país visinho.

Os seleccionadores hespanhois marcaram já um «match» de selecção para Bilbau.

No desafio realisado ha dias entre o Arenas e o Atletico, o jogador Carmelo distinguiu-se extraordinariamente, esperando-se que ele jogue o «I Espanha Italia».

NATAÇÃO

O «récord» de milha batido

Segundo telegrama de Sidney, o grande nadador sueco Arne Borg reduziu o «record» do Mundo da milha, a 22 minutos e 34 segundos.

Este «record» pertencia desde julho de 1912, ao canadiano Hodgson, que o estabeleceu nos Jogos Olimpicos de Stockholmo.

Hodgson, atleta incomparavel, parecia ter estabelecido um tempo quasi impossivel de bater.

Dentro em pouco saberemos se as condições em que este «record» magnifico acaba de ser batido, permitem a homologação official.

A's Senhoras

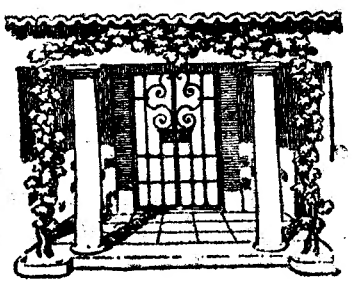
Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.

Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

SERPOZIL
NOBRE SOBRINHO
Eficaz em todas as TOSSES, ainda as mais rebeldes. Cura radical da
TOSSE CONVULSA
E' **laxativa e espectorante** e de sabor agradavel.
Deposito: Rua de Santa Justa, 45, 2.º—LISBOA.
Teixeira Lopes & C.ª, Lda.

A NOSSA CASA

APONTAMENTOS SOBRE O BOM GÔSTO NA CONSTRUÇÃO DAS CASAS SIMPLES



RAUL LINO

QUARTA EDIÇÃO

VOZ DISCORDANTE

"RECUSO-ME A COLABORAR NA FESTA DE ÁMANHÃ PORQUE NÃO TEM RAZÃO DE SER,

DIZ-NOS

José Maria Rodrigues

A entrevista tem logar na casa Bordalo Pinheiro, no Conde Barão. D. Luiz Bordalo—um perfeito *gentleman* que não nasceu em Inglaterra por engano—encaminha-nos até á oficina de gravura:

—E' aquele...

De pé, um velho, a cabeça toda branqueada, um modesto guarda-pó vestido, vai dando indicações a um gravador.

E' o sabio professor dr. José Maria Rodrigues.

Aproximamo-nos. Mas ele, de enlevado no seu trabalho, nem dá pela nossa presença.

Deitamos um olhar curioso.

Revê provas de fotogravuras de caracteres antigos.

Interrompemo-lo:

—O nosso jornal desejava arquivar algumas palavras acêrca de Camões...

O sabio recusa-se a falar. Insistimos. E ele volta a recusar:

—Estou intratavel. Pode pôr isso mesmo no jornal...

Depois, procurando um motivo:

—Estou absorvido nesta obra. Não posso distrair-me.

A obra a que o ilustre professor se refere é a publicação *fac-similada* da primeira edição da obra de Gil Vicente. Jaime Cortezão, o incansavel director da Biblioteca, encarregou de dirigir essa publicação a ilustre escritora sr.ª D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos que pediu ao sr. dr. José Maria Rodrigues que assistisse á sua execução grafica.

Camões

(Desenho de Alfredo Morais)

* * *

Quiz-nos parecer que o motivo alegado pelo erudito professor não era realmente o que fazia com que ele não nos quizesse dizer coisa alguma.

Como os nossos leitores sabem, a Camara dos Deputados, por proposta do sr. João Camoesas que para isso se baseou numa ideia do dr. Teofilo Braga sobre o assunto, fixou a data de 5 de Fevereiro, como tendo sido a do nascimento de Camões.

Nada ha que autorise seja quem fôr a fixar essa data ou outra qualquer.

De modo que muitos investigadores, — e o sr. dr. José Maria Rodrigues em especial — ficaram irritados perante esta resolução do Parlamento, que representa uma invasão de poderes, visto faltar-lhe, em absoluto, a autoridade e a competencia para falar de cátedra em tal materia ..

Devia residir nisto o segredo da recusa do ilustre sabio, que, certamente com a maior facilidade, poderia discretear em qualquer altura sobre a vida e a obra do grande epico...

* * *

Que não erravamos, pensando assim, provou-o, afinal, o proprio sr. dr. José Maria Rodrigues.

Quando já vinhamos na escada, o erudito professor, agil como se a sua velhice fosse meramente teorica, veiu correndo atraz de nós:

—Olhe! Diga no seu jornal que não concordo com a festa de ámanhã. Recuso-me, por isso, a colaborar nela.

—Terminantemente?

—Terminantemente. Quando, porém, a Academia deliberar fixar uma data para festejar o grande poeta, podem contar com a minha dedicada colaboração.

Telefones do "Diario de Lisboa" Redacção—C. 3194 Administração—C. 3195

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Luisa Bivar de Sampaio e Melo, D. Emilia Allen Archer, D. Maria José Van-Zeller Guedes, D. Adriana Correia Moura Coutinho Homem, D. Maria Teresa da Gama Berquó e D. Maria Joana Coen.

E os srs.:

Conde de Atalaia, D. Manuel de Bragança (Lafões), dr. Antonio Sarmento Ferreira Brandão, Alberto Paiva de Morais e Alvaro de Almeida Horta.

A caridade

Começam por amadores

Na engraçada comedia do saudoso comediografo Gervasio Lobato, que ainda este mês se representará em recita de caridade organisada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, á frente da qual se encontra a sr.ª D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Ribeiro da Silva, «Em boa hora o diga», os principais papeis femininos serão desempenhados pelas senhoras condessa de Santar, D. Maria Adelaide Luz da Gama Sepulveda, D. Maria Helena Teles de Castro Lopes, Miss Mabel Poter e D. Hilda Moutinho Machado da Cruz.

Os ensaios sob a direcção de um dos nossos melhores actores devem começar dentro de alguns dias.

Casamentos

Foi ha dias pedida em casamento, para o sr. dr. Hipolito Raposo, filho da sr.ª D. Maria Adelaide da Gama Raposo, já falecida, e do sr. João Hipolito Vaz Raposo, por seu irmão o reverendo Domingos Martinho Vaz Raposo, a sr.ª D. Valentina de Andrade Pequito Rebelo, gentil filha da sr.ª D. Maria Adriana Seixas de Andrade Rebelo e do sr. conselheiro José Caetano Rebelo, já falecidos.

O casamento deverá realizar-se brevemente.

—Na Lourinhã, realisou-se ha dias, na paroquial igreja, o casamento da sr. D. Hermenegilda Simões Silva, com o sr. Floriano Augusto de Figueirôa Rego, tendo servido de madrinhas as sr.ªs D. Joana do Rosario Simões Silva, tia da noiva, e D. Aurora de Figueirôa Rego, mãe do noivo, e de padrinhos os srs. José Antonio Simões Silva e dr. Figueirôa Rego, respectivamente irmãos da noiva e do noivo.

Os noivos partiram para Lisboa, onde vieram fixar residencia.

Baptisados

Na paroquial igreja de Santa Isabel realisou-se ha dias o baptisado do primeiro filhinho da sr. D. Julieta Maury da Costa de Sousa de Macedo e do sr. D. Bernardo José da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), tendo servido de madrinha Nossa Senhora da Conceição, tocando com a coroa de Nossa Senhora a avó paterna sr. D. Adelaide da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), e de padrinho o avô materno sr. J. Maury, recebendo a gentil criança o nome de D. Bernardo Antonio.

Terminada a cerimonia religiosa, que foi celebrada pelo rev. prior da freguesia sr. dr. Alvaro dos Santos, foi servido, na elegante residencia dos avós do recem-baptisado, um finissimo «lunch».

—Realisou-se ha dias, na paroquial igreja das Mercês, o baptisado de um filhinho da sr.ª D. Margarida de Moura Portugal Craveiro Lopes e do sr. dr. José de Azevedo Craveiro Lopes, recebendo a gentil criança o nome de Antonio Luiz, servindo de madrinha Nossa Senhora de Lourdes, pegando na coroa de Nossa Senhora a sr.ª D. Ester Silveira Gomes, e de padrinho o sr. dr. Jaime Gravcia Xavier de Brito.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade dará ámanhã «rendez-vous» de tarde nas «matinées» do Coliseu dos Recreios e Cinema Condes e á noite no São Luis, onde continua obtendo grande exito a magnifica opereta portuguesa «A Lenda do Templo», inspirada partitura de Filipe Duarte, á qual a distinta actriz Ayzenda de Oliveira dá grande realce.

Em viagem

Vindo do estrangeiro, regressaram á sua casa em Lisboa, os srs. condes de Arge.

—Do Rio de Janeiro, onde esteve perto de um ano regressou a Lisboa o sr. Jorge Barradas.

—Regressou do Porto, onde foi expôr alguns trabalhos o distinto pintor sr. Meão Reis.

—Á sua casa em Lisboa, regressou do Porto, onde se demorou alguns dias, o meretissimo juiz da Relação da Beira, Africa Oriental, sr. dr. Luis Forte.

Da Beira, Africa Oriental, regressou á sua casa na Foz do Douro, o sr. José Maria de Sousa Horta e Costa.

Doentes

Encontra-se retida em casa, com um ataque de «gripe» a sr.ª D. Berta Guisart de Sousa Caldas Forte, esposa do sr. dr. Luis Forte, meretissimo juiz da Relação da Beira, Africa Oriental.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos = Não ha espectaculo.
Nacional = A's 21—«Pasteleiro de madrigais».
S. Luis = A's 21—«A Lenda do Templo».
Politeama = A's 21,30—«A Tomadora».
Avenida = A's 21,15—«Viss Diabo».
Apolo = A's 21,30—«Fructo proibido».
Eden = A's 21—«Pera de Satanaz».
Gil Vicente = A's 21,15—«As duas orfãs».
Coliseu dos Recreios = A's 21—Companhia de circo.

ANIMATOGRAFOS

Salão Foz = Quinta da Gloria.
Olimpia = Rua dos Condes = «Matinée» e «soirée».
Cinema Condes = Avenida da Liberdade.
Salão Central = Praça de Restauradores.
Chiado-Terrasse = Rua Antonio Maria Cardoso.
Salão Ideal = Rua do Loreto.
Cine-Paris = Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora = Largo do Calvario.
Eden-Cinema = Rua de Alvito.
Salão Rocio = Rua do Arco de Bandeira.

SOBRETUDOS DA MODA

Ha feitos e executam-se por medida

CAPAS A ALENTEJANA

com golas de Raposa

FATOS DE H. MEM E RAPAZES nos

Grandes Armazens da Beira

20, 22, Rua dos Retroseiros, 24, 26

PERES & ABRANTES, SUCS.

PATRIA IMORTAL!

LUIZ DE CAMÕES

GLORIFICADO

pelos poetas da nossa terra

Desejariamos que todos os poetas portugueses, cuja sinceridade de inspiração tenha sido posta á prova, aqui viessem hoje engrinaldar de flôres, as flôres do seu sentimento a lembrança magestosa e romantica de Camões.

Poucos acordaram ao nosso apêlo: Maria de Carvalho, Virginia Victorino, Afonso Lopes Vieira, Americo Durão, Fernando Pessoa, Jaime Cortezão, João de Barros, Mario Beirão Silva Tavares, Teixeira de Pascoais e Alves Martins. Bastem, porém, pela grandesa lirica de alguns deles, e pela graça sedutora e paradoxal dos restantes, para que, nesta homenagem do nosso jornal, á memoria do grande Poeta, fique bem representada a poesia variada dos nossos dias.

Camões merece, incontestavelmente, que a alma nacional relembre sempre, procurando nas suas oitavas de exaltação o ritmo duma nova esperança e duma nova fé.

Teofilo Braga que nesta pagina não deve ser esquecido, pela apaixonada admiração pelo cantor dos LUZIADAS, deixou uma obra intitulada CAMÕES E O SENTIMENTO NACIONAL. Que a sua memoria nos perdôe — mas aventuramo-nos a modificar-lhe o titulo do volume: CAMÕES É O SENTIMENTO NACIONAL.

Tudo que torna a nossa Raça, de alevantado e de embalador, desde os vôos da aguia ao canto nocturno do rouxinol, está nele Camões, Gil Vicente, Frei Agostinho da Cruz, Camilo...

Portugal inteiro — Portugal eterno — na terra, no mar, no Ceu...

Camões!... Como está longe essa figura,
Que o tempo eleva em pedestal de gloria,
Duma raça de sonho e de vitoria
O coração, o genio e a bravura!

Ha no seu canto a força e a ternura
De que hoje mal guardamos a memoria.
Como foi grande e bela a nossa historia,
Que em sua pena d'oiro mal se apura...

Quem o lê? Quem o sabe e quem o sente?
Muitos porêm de certo.. E na incerteza,
Na confusão das horas do presente,

Quantos ensinamentos de belesa,
Quantos podia dar a toda a gente
A maxima figura portuguesa!

Maria de Carvalho

Em frente ao mar, á solidão, medito;
Nocturna sombra meu olhar invade:
Indias, miragens, pegos de saudade...
No curso das memorias resuscito!

Doido, deliro em sonhos de Infinito,
— Genio de aguia a viver na tempestade... —
Florida de astros, ri, na imensidade,
A lusitana casa que eu habito!

A sombra duma raça se projecta
Adentro em mim... Das penas do Profundo
Resurjo martir, cavaleiro e poeta!

A' voz de Deus, *Lusiadas* componho;
E dou ao Mundo um lusitano mundo:
Alta verdade de um supremo sonho!

Mario Beirão

Falar de Camões?—Quando o pedi á minha sensibilidade, ela compreendeu que nunca uma pequena chama, indecisa e tremula, deve procurar clarões com que interprete o Sol...

Virginia Victorino

Não sei, nem me incumbe saber, o que a comissão do Centenario de Camões vai deliberar em nome da Nação. Eu proporia uma resolução, não inspirada no espirito heroico, mas na comesinha decencia: — a limpeza da praça que tem o seu nome.

Nossos pais legaram-nos uma praça mediocre: uma estatua sem grandeza num ambiente acanhado.

Mas nós tornámo-la de mediocre em vergonhosa, e de pobre em grotesca.

Olhai os chalés do capilé, cuja arquitectura se inspira na do monumento do Poeta.

Lêde o letreiro do engraxador: — *Engraxadoria Camões.*

Eis a historia oficial do Portugal contemporaneo.

O capilé simbolisa o nosso sangue; a engraxadoria, a democracia actual.

O que ha de português na praça lamentavel são apenas os deliciosos passaros que envolvem o bronze em grinaldas de chilreios.

Esses simbolisam as almas dos poetas,

Esta é a ditosa patria minha amada.

Afonso Lopes Vieira

Ao evocar a alma lirica e o genio epico de Camões emudeço.

Assombro-me, ajoelho e reso.

No seculo XVI Portugal viveu um instante jámais igualado perante a eternidade.

Resgatámo-nos da nossa humana condição. Fomos um Povo de herois e semi-deuses, que em Luis de Camões teve o seu simbolo mais alto e que D. Sebastião, a fatal maravilha, pagou o preço do resgate...

Os «Lusiadas» são a nossa biblia sagrada.

Nesta hora de apagada e vil tristeza e tambem, para os melhores, de ressurgimento e de fé, lê-los, é comungar a alma heroica da Raça.

Quando soará de novo em Portugal a Hora Alta do seculo XVI?

Ela ha-de vir!

Saibamos viver para a esperar.

Americo Durão

Vasco da Gama descobriu a India; Pedr'Alvares,—o Brazil; Camões,—a imortalidade da Raça!

Glorificando o esforço dos primeiros, ficaram blocos de pedra, com o nome de padrões; do ultimo,—um bloco de genio, com o nome de *Lusiadas!*

A'queles—obra do Homem—, carcomeu os o Tempo e perdeu-os a incuria...

Este, porém, é obra de Deus:—desafia a Eternidade e fala, por todos eles, nas cinco bandas da Terra!

Silva Tavares

Senão fôra esse laço sublime dos *Lusiadas*,—expressão suprema das virtualidades lusitanas, certesa e esperança derradeira,—que nos prende á Patria de Camões, quantos de nós, já gastos deste sordido bazar actual, onde imperam e tripudiam os chatins, não teriamos, de bom grado, desistido da condição de portugueses?!

Jaime Cortezão

Camões é *Os Lusiadas*. O lirico, em quem os inferiores focam a admiração que os cenota inferiores, era, como em outros épicos de sensibilidade tambem notavel, apenas a excedencia inorganica po épico.

Não ocupa *Os Lusiadas*, um logar entre as primeiras epopeias do mundo; só a *Iliada*, a *Divina Comedia* e o *Paraiso perdido* ganharam essa elevação. Pertencendo, porém, á segunda ordem das epopeias, como a *Jerusalem Libertada*, o *Orlando furioso*, a *Faerie Queene*—e, em certo modo, a *Odysséa* e a *Eneida*, que participam das duas ordens,— distingue-se *Os Lusiadas* não só destas epopeias, suas pares, senão tambem daquelas, suas superiores, em que é directamente uma épopeia historica.

A vastidão impressiva de fabula, que uma épopeia requer, buscaram-a os antigos e os grandes modernos já na lenda ou na historia indirecta, já no Além. Em aquelas se fundamentam, de diverso modo, a *Iliada*, a *Odyssea*, a *Eneida*, a *Jerusalem* de Tasso; na lenda absoluta, ou fantasia pura, o poema de Spenser e o *Orlando*; no Além—o Além pagão do Cristismo—a epopeia de Dante e a de Milton.

A Camões bastou a historia proxima para lenda e Além. O povo, que cantou, fizera da ficção certeza, da distancia colonia, da imaginação vontade. Sob os proprios olhos do épico se desenrolou o inimaginavel e o impossivel se conseguiu. Sua épopeia não foi mais que uma reportagem transcendente, que o assunto obrigou a nascer épica. Este Apolonio podia ter falado com seus Argonautas, este Homero ter ouvido da boca dos companheiros de seus Ulysses os terrores da caverna do Cyclope e a noticia imediata do encantamento das sereias. Em certo modo viveu o que cantou, sendo, assim, o unico épico que foi lirico ao sel-o. Essa sua singularidade, que é uma virtude, é, como todas as virtudes, origem de varios defeitos.

Resta dizer, de Camões, que não chegou para o que foi. Grande como é, não passou do esboço de si proprio. Os sobrehomens da nossa gloria constelada—o Infante e Albuquerque mais que todos—não cabem no que ele podia abarcar. A épopeia que Camões escreveu pede que aguardemos a epopeia que ele não pôde escrever. A maior coisa nele é o não ser grande bastante para os semi-deuses que celebrou.

Fernando Pessoa

«Os Lusiadas» são *o logar geometrico* de todas as aspirações nacionais.

Das aspirações que visam a manter, veemente, o amor do nosso Passado. Das aspirações que se arquivam para o Futuro e que sonham realisá-lo em triunfo e em gloria.

Nos «Lusiadas» elas traçam a sua curva ideal—essas aspirações—tão forte é o sentimento da tradição que Luis de Camões simbolisa e encarna, tão fundo é o sentido da eternidade lusitana que nas estrofes maravilhantes do poema se afirma, em ritmos imperecivéis.

Celebrar Camões é, por isso mesmo, celebrar Portugal na sua grandeza epica e no seu lirismo perene. E' estimular-nos a todos para a defeza vitoriosa do espirito da nacionalidade.

Se a Republica não tivesse feito mais nada do que chamar os portugueses ao culto de Camões—tão abandonado logo após a primeira celebração do seu centenario—bem mereceria já dos portugueses.

O culto de Camões é, na verdade, o culto da Patria, porque os «Lusiadas» são o espelho fiel e a norma inspiradora da nossa consciencia colectiva.

João de Barros

A Musa dos *Luziadas* é uma Nereide, surgindo das negras ondas revoltas. O seu perfil é gelido e nubloso, salpicado de espuma, com veus de nuvens que se esfarrapam e tranças de algas arrepeladas pelo vento: uma Nereide do mar tenebroso. Mas Luiz de Camões tem outra Musa: a Musa saudosa e amante das *Canções*, dos *Sonetos* e das *Redondilhas*.

Camões é o genio do mar e a alma enternecida da terra: a Nereide oceanica, sombria e formosa, a desvendar, á luz d'um relampago, o seu imenso vulto encapelado e a Ninfa espiritual e triste, que reza e canta as suas maguas num bosque doirado pelo outono. A sombra de Pan persegue-a; anoitece-lhe a alma como um remorso. Ela aspira a outro amor, aquele amor que

Não costuma na morte resfriar-se...

A obra de Camões é uma elegia rezada por todas as vozes da Natura.

Teixeira de Pascoaes

Meu velho professor de literatura,
Que tinhas, no meu burgo, simpatia,
Nos versos de Camões não vias a poesia,
Não vias a bravura!

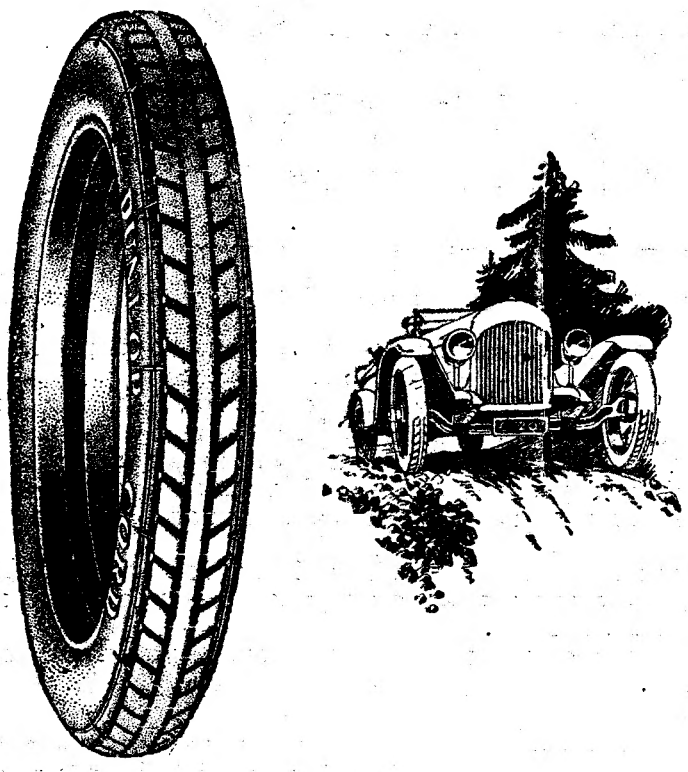
Como eras feliz, pobre homem! Só pensavas
Ao mandar lêr Camões,
Na divisão gramatical das orações ..
—Sintaxe de ondas bravas!

Eu quasi adormecia á busca dos *sujeitos*...
Liceu de minha dôr!
Mas, subito, acordava... Herois fazendo feitos,
Pragas do Adamastor!

Eu te perdôo a estupidês suprema,
Pois nela tanto te consolas...
Camões salvou do mar o seu poema,
Sem ter pensado nas escolas!

Alves Martins

DUNLOP



Calce **DUNLOP**
e ficará satisfeito

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇÃO
Artigos de escritorio — Material para desenhadores
—— PREÇOS MODICOS ——

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38
— LISBOA —

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LO... 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES
RIO JANEIRO 1908 ANVERS 1894 BELEM 1895
LONDRES 1904 LISBOA 1888 PARIS 1889
MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1918, ETC.

Xarope Peitoral James

Cura infalivel de todas as tosses, mesmo as mais rebeldes, bronquites crónicas e agudas, ataques asmaticos, etc. Mais de 50 anos de curas são o melhor atestado. Aprovado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147-LISBOA
À VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

BANCO COMERCIAL DE LISBOA

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL Esc. 4.000.000$00

DIVIDENDO DO 2.° SEMESTRE DE 1923

Achando-se cumprido o preceituado no artigo 4.° da lei n.° 1043, está a pagamento desde o dia 4 de Fevereiro de 1924, na razão de 17 por cento, ou sejam Esc. 17 por acção, cativos de impostos.

EM LISBOA — na séde do Banco: R. do Comercio, 109.
NO PORTO — em casa dos srs. Manuel Pereira Penna & C.ª, Praça Carlos Alberto, n.° 128, 1.°

BANCO COMERCIAL DE LISBOA
Os directores
José A. de Mello Sousa
J. O Soares

Para conseguir cabeleiras assim, usai o
OLEO DE MAO DE VACA
Evita a queda dos cabelos promovendo o seu desenvolvimento, tornando-os brilhantes e flexiveis e evitando a caspa.
50 anos de venda asseguram os seus bons efeitos.
Frasco 1$500 réis
PERFUMARIA MENDONÇA
43, Calçada do Combro, 47 — LISBOA
TELEF. C. 103

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

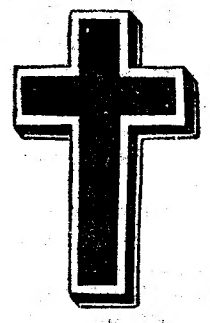
Este maravilhoso medicamento para **uso externo** provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e erupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

É o medicamento por excelencia para tratar as molestias de pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acné, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 287. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

LITOGRAFIA COSTA & VALERIO

EXECUTA TODOS OS TRABALHOS
DE CHROMO, GRAVURA E RELEVO
L. POÇO NOVO, 30



Emilia Maria da Graça e Silva

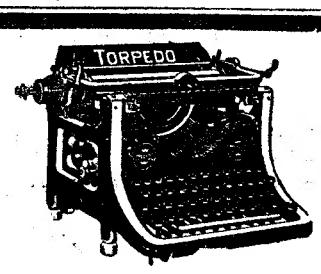
Viuva de Libanio da Silva

FALECEU

Esther Graça e Silva da Costa Dias, seu marido e filhos; participam a todos os seus parentes e pessoas de sua amisade, o fallecimento da sua muito querida avó, bisavó e tia Emilia Maria da Graça e Silva e que o seu funeral se realiza no dia 5 de Fevereiro, da sua residencia, Bairro Novo da Lapa, Rua N.° 2, E. T., pelas 14 horas, para o cemiterio de Bemfica.

Automoveis MINERVA

em exposição e para entrega imediata no
STAND MINERVA
CASAL, LIMITADA
Rua do Comercio, 50



TORPEDO
Anão & C.ª L.da
Rua dos Fanqueiros, 376-2.°

CAMOES LIRICO

O PRECURSOR DO SIMBOLISMO

foi o poeta barbi-ruivo

SEGUNDO DIZ AO "DIARIO DE LISBOA,,

EUGENIO DE CASTRO

São dez e meia da manhã. Coimbra, divinamente perfumada de sol e do aroma das acacias em flôr, afuzelada e branca, como uma ogiva, lembra um lotus sagrado, que nascesse em petalas de maravilha, na fluidez luminosa do Mondego...

Aqui a luz é de oiro, polen de oiro, essencia volatilisada não se sabe de onde, que vai subindo, refletindo o ceu no rio e o rio no ceu, beijo transparente que deu á pedra o brilho cansado das opalas e aos choupos, já desgrenhados em nevoeiros lilazes, nos jardins, a adolescencia eterna dos bosques pagãos da Arcadia.

Vamos até Coimbra velha, caracteristica, tortuosa, toda quebra-costas, escadinhas, muros de azinhaga, onde a hera se enrosca, penetrante e fina, cancelas abertas, que são janelas do horisonte azul e imenso—subindo, subindo sempre, num calvario de amor e de saudade.

Penetrámos já na sombra da Universidade e vá de preguntar onde mora o *sr. poeta*, o *sr. doutor*, como nos versos de Antonio Nobre.

E' antiga a casa; dois pisos apenas, toda côr de rosa velho; brazão de armas sob o beiral; uma porta aberta.

Lá em cima é uma tricana infantil, destas que têm a garganta cheia de lagrimas, mesmo quando sorriem, que numa linda voz, doce e piedosa como uma esmola, nos abre a porta e nos acompanha até ao salão.

Estamos em casa de Eugenio de Castro. O poeta vive, quasi inviolavel, na grande sombra da Universidade, sob o tanger dos sinos, grave e lento como um versiculo da Biblia.

Falamos-lhe de Camões. O poeta desculpa-se. Encarcerado de trabalho, procura furtar-se ao dialogo jornalistico. Não o consegue. E como quer render honras ao hospede, ei-lo tomando na cadeira uma atitude harmoniosa, emquanto os seus olhos, á flor do rosto, pasmados e infantis, brancos de sonho temperados de azul muito garço, indagam:

—O que quere...

—Que me fale de Camões...

—Tudo está dito.

—Recordemo-lo então...

Mas antes que o poeta fale, o professor da Faculdade de Letras, que eu estou vendo, numa tela maravilhosa de Carlos Reis, de capelo azul, capa e batina negras, fitando, interrogando, diz:

—A obra de Camões precisa ser difundida. A mocidade de hoje sabe-lhe o nome, mas ignora-lhe a obra. E não é só a dele, creia. E' a dos nossos grandes classicos. O *volumeco* francês é folheado por todos os dedos, emquanto a nossa literatura é esquecida...

—Velipendiada...

—Esquecida... Esquecida... Os classicos da raça é que educam e revigoram os temperamentos, sem tolher caracteres nem originalidades...

Eugenio de Castro, que dá a cada silaba uma côr e a cada frase uma vibração ritmica, fala-nos, agora, do tri-centenario de Camões, celebrado em Coimbra.

—Era eu estudante ainda. Ergueu-se-lhe esse monumento que fica em frente da Porta Ferrea. O dinheiro era pouco, mas o entusiasmo tem o valor do oiro. Levantado o marmore, arranlou-se um leão. Um leão, que nada simboliza, destes que a industria francesa fabrica para as grandes casas senhoriais.. Quere vêr?

E como dissessemos que sim, o poeta dos *Oaristos*, ergue-se da sua cadeira, abre as portadas da janela e aponta-o:

—Aí o tem. Quasi abandonado. A' tarde, o garotio cavalga o leão inerme, e como esta minha rua poucas casas tem, o monumento é transformado em sentina.

Pesa um silencio. Ha teias de oiro, num baculo antigo, de museu. Veludos sangrentos, como rubis, penumbram a roxo três desenhos de Antonio Carneiro. São as filhas de Eugenio de Castro. Três nomes de cancioneiro, que têm o sabor dos redondilhas:

Violante, Mafalda e... O terceiro esqueceu-nos, tão leve, tão subtil, tão canção de gestas, ele é.

— Quando aprecio os *Lusiadas*, lembra-me sempre de uma frase de Edgar Pöe sobre o *Paraiso Perdido*, de Milton.

— E essa frase...

—Uma grande obra, interessa em parte, nunca no todo... Camões é sempre poeta maximo. Fazemos bem em relembra-lo. E' a Patria, que ergue a fonte austera e dominadora...

Aqui, houve que interromper:

— Camões lirico através da sua sensibilidade...

—Já o tive ocasião de dizer em Madrid. Camões é o nosso primeiro sonetista. Impecavel. Perfeito. Superior a Petrarca, cantando Laura; a Dante, mesmo, na *Vita Nuova*.

Os nossos olhos, inquietos, iam apreendendo o gesto, curto e incisivo de Eugenio de Castro. Na mão direita reluzia, em oiro, um brazão; na esquerda, duas joias antigas, apagadas e mortas, como as cinzas dum fogo extinto.

—Nas canções, nas redondilhas, nos sonetos, a sua tecnica é admiravel. Ha em todas estas formas uma diversidade extraordinaria de temas; um ritmo musical que encanta e sugestiona... Notas de paisagem admiraveis. Emfim, é o poeta maximo.

Todas as palavras, na boca de Eugenio de Castro, tinham beleza, humida emoção, como um cantar de rouxinol namorado das lagrimas duma fonte. Tornava-as maiores, mais poderosas, mais humanas e mais raras. Dava-lhes grandeza, adoração, como se elas fossem mãos erguidas, tremulas, que, tremulamente, crescessem num anseio religioso e infinito.

—O seu metro poetico foi variadissimo. Estou mesmo em crêr que ele foi um percursor do simbolismo...

—Bazeia-se...

—Nas suas canções, que são admiraveis... tem versos de quatro silabas, de seis... Mais tarde, Castilho fez alguns de trese... E' muito raro e pouco ritmico. Verlaine tambem, mas era Verlaine!

Tinhamos encontrado o ponto preciso do dialogo para objectivar, agora, a obra poetica de Eugenio de Castro. Relembrámos a *Salomé*, as *Horas*, *Belkiss*.

Ele sorriu, como aquecendo-se no passado. E disse:

—Fui um revolucionario. Era preciso. A poesia estava marasmada. Quiz transfiltrar-lhe sangue... Dei-lhe o meu. Suponho que o consegui, até certo ponto...

—Trabalha muito...

—Tenho dois livros para breve. *Descendo a encosta* é o primeiro...

—E o segundo...

—*Luzes duma velha candeia*...

Subtilmente, querendo arrancar a Eugenio de Castro o segredo da sua transformação poetica, perguntamos:

—Têm a mesma modelação lirica da *Mantuha de Medronhos* ..

—Têm! Ha quem fale em decadencia...

—Mas não, não é assim.

Um grande sorriso de indulgencia, sem uma cumplicidade amarga, como senhor do seu destino e da sua grandesa:

—Outros compreendem que o procuro dar ao verso a serenidade classica. E' o que tenho feito.

Quizemos ver os retratos de Eugenio de Castro. Lembramos uma tela exposta em Lisboa, ha pouco tempo.

—Não me agrada — respondeu.

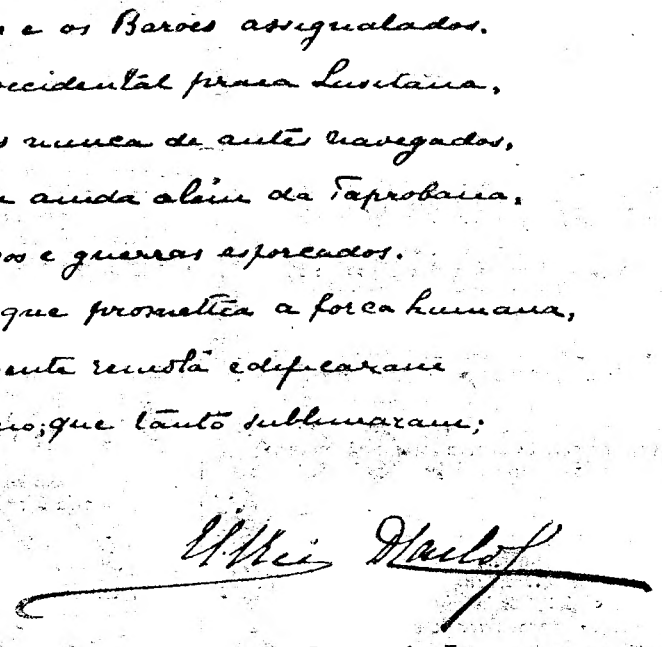
Mostrou-nos um Carlos Reis, que nossos olhos tinham admirado já.

—E' recente. Fê-lo este ano na Louzã.

A' esquerda, havia um Eugenio de Castro, vinte anos ainda, pintado por Columbano, naquela sua maneira velada e animica em que o pincel parece profundar extaticos silencios e profundas quietações. Ao centro, um Eugenio de Castro, de Antonio Carneiro, decorativo, rutilante de condecorações, com um rosto *exquise*, retalhado de tortura e de ironia.

Aquelas três telas abrangem a vida do poeta. Columbano—representou o simbolista ritmico das *Horas*; Antonio Carneiro — o diplomata letrado e elegante; Carlos Reis — o classico harmonioso das *Canções da Negra Vida*.

Despedimo-nos de Eugenio de Castro, que, por nós, enviava para Lisboa o seu muito saudar ao dr. Joaquim Manso. Avistámo-lo, depois, já na rua, sob o alpendre, contemplando as rosas vermelhas do jardim; Coimbra, deslumbrada de luz, sob a pureza infinita do ceu, vitral marescente de azul, onde, brandamente, perpassavam as pombas...



A primeira estrofe do canto I

escrita pelo rei D. Carlos

Christais da Bohemia, decorações de fino gosto
Artigos em ferro antigo, grande novidade
BASTOS SILVA, L.da—Rua de S. Nicolau, 81 (Esquina Arco Bandeira)

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
HOJE—A interessantissima tragi-comedia historica, original de Augusto de Lacerda
O PASTELEIRO DE MADRIGAL
(1.º premio do concurso de originaes portugueses)
Esplendido conjunto e desempenho
Primorosa ensenação do autor da peça
Deslumbrantes scenarios, magnifico guarda-roupa
GRANDE APARATO

TEATRO da TRINDADE
EMPRESA JOSÉ LOUREIRO Tel. C. 876
Definitivamente AMANHÃ ás 21 horas
«Avant-Première» da peça «FOGO SAGRADO
QUARTA-FEIRA, 6—Reabertura deste teatro
Inauguração para o publico — Recita Inaugural
1.ª d'assinaturas Premiere» da peça
Fogo Sagrado

UM PLEITO HISTORICO-LITERARIO

Em que dia e em que ano NASCEU LUIZ DE CAMOES?

O Parlamento consagrou uma fantasia sem base séria

dando existencia... ilegal a uma lenda

Nasceu Luis de Camões em 1524, como pretendem aqueles que pensam em promover neste ano de 1924 a comemoração do 4.º centenario do nascimento do Poeta?

Parafraseando o que já foi dito por Sousa Viterbo, escreverei: Se é problematico ainda o local do seu nascimento, não é «menos duvidoso o ano em que desabrochou a mais bela flor do nosso Parnaso».

Os «recursos historicos» que levam alguns biografos a fixar a data de 1524, como sendo a do nascimento do Poeta, resultaram de dois *assentos* que Faria e Sousa afirma haver reproduzido de um *Registo da Casa da India de Lisboa* «das principais pessoas que passaram a servir na India desde o ano de 1500 até 1643 (?)».

Na lista do ano de 1550, segundo refere Faria e Sousa, encontrava-se este assento: *«Luis de Comoens, hijo de Simon Vaz, y Ana de Sá, moradores en Lisboa a la Moraria. Escudero de veinte e cinco años,. barbiruvio: truxo por fiador a su Padre: vá en la nave de San Pedro de los Burgaleses»*. Como esclarecimento, F. e Sousa acrescentou que o Poeta estava inscrito no rol dos homens de armas *(Hombres de armas)*.

O teor do segundo assento, que Faria respigou da lista de 1553, na relação da *gente de guerra* que seguiu para a India na armada de Fernando Alvares Cabral, é como segue: *«Fernando Casado, hijo de Manuel Casado, y de Bianca Queymada, moradores en Lisboa, Escudero. Fue en su lugar Luis de Camoens, hijo de Simon Vaz, y Ana de Sá, Escudero; y recibio 2$400 reis, como los demás»*.

Wilhelm Storck não aceitou a legitimidade destes *assentos*, que tinha na conta de falsificações do «insigne fabulista».

E' possivel que alguma coisa haja da *lavra* de Faria e Sousa nos registos reproduzidos, e eu, devo confessar, embico com aquele *barbiruvio* (barbi-ruivo) do primeiro assento, custando-me a admitir tambem que no segundo estivesse exarada aquela anotação: *«y recibiò 2$400 reis, como los demás»*.

Quanto ao segundo reparo, é possivel que a nota, que se encontra reproduzida como complemento do registo, fosse mero comentario de Faria e Sousa. em face do que deduzira dos vencimentos da *gente de guerra*.

Ha uma circunstancia ponderavel que obriga a prestar fé á essencia dos *documentos historicos* apresentados por Faria e Sousa: — a evidenciação, discordante dos anteriores biografos, quanto ao verdadeiro apelido da mãe de Camões, Ana de *Sá*, em perfeita harmonia com o nome que se encontra nos documentos descobertos e publicados pelo visconde de Juromenha duzentos anos depois.

Era este igualmente o parecer do dr. Sousa Viterbo expendido no prologo que escreveu para a edição dos *Lusiadas* da Empresa da Historia de Portugal (Lisboa, 1900).

Tendo por conseguinte, como autenticos os *registos* respeitantes a Camões, sabemos que o **Poeta no ano de 1550 tinha 25 anos.**

Vejamos agora a ilação que Faria e Sousa tirou do primeiro assento, para fixar o ano em que nasceu Camões:

«Diziendo, pues, este assiento que el de 1550, tenia 25 de edad, siguese que nació el de 1524. (y aun quede ser el de 1523.)...»

Mais adiante, volta a referir-se ao ano de 1524:

«Es, luego, necessario creer que Luis de Camoens nació el año 1524...» E ainda: «... si nació el de 524 como parece.» E algumas linhas depois: «nació el año 1524.»

Não tinha o poligrafo uma ideia definida sobre o ano em que o Poeta fôra dado á luz, e assim, inclinando-se para o ano de 1514, alvitrava que tambem poderia ter sido no de 1523...

Ignoro como Faria e Sousa fazia contas, de maneira a poder concluir que uma pessoa que em 1550 tinha 25 anos podesse haver nascido em 1523.

Que se admita a data de 1524, vá que não vá, por isso que um individuo nascido nos ultimos meses de 1524 teria nos primeiros meses de 1550 menos de 26 anos, podendo muito bem declarar ter 25, porque é essa a pratica mais corrente ainda hoje.

Mas Faria e Sousa, nas anotações aos Sonetos de Camões, exprime-se por uma forma mais discreta: **«nació por los de 1525»**.

Sousa Viterbo, com a ponderação que o caracterisava, escreveu: «O poeta nasceu pois, com toda a probabilidade, *pelos annos de 1525*.»

Querer ir mais além, na precisão do ano do nascimento do Poeta, parece-me temeridade indesculpavel.

E' certo que o sr. dr. Teofilo Braga, na sua mais recente novela sobre Camões, em que repete, a par de outras extravagancias, a sua peregrina exegese de haver tido o Poeta por ama *uma alimária*, sentenceia que o nascimento teve logar em **1524**, chamando em auxilio da sua revelação uma temerosa «prophecia terrifica»...

Corria pela Europa, refere o professor da Faculdade de Letras, que a quatro ou cinco dias de fevereiro de 1524, por ajuntamento de alguns planetas em o signo de Piscis haveria um grande diluvio na terra... As «ineptas prophecias» não se realisaram, mas como os terrores que provocaram em Portugal constam de um opusculo que a Rainha D. Leonor mandou escrever pelo licenciado Fr. Antonio de Beja, o sr. dr. Teofilo Braga alvitra que o nascimento de Camões podia ter sido abortivo, por «efeito desses mesmos terrores.»

Dando-o como nascido em 1524, tendo em 1550, no 1.º de maio, «25 annos feitos, ou começados os 26», não se arrojou o sr. Teofilio Braga, no seu *Camões*, Porto, 1907, a fixar dia ao nascimento do Poeta, limitando-se a tirar interferencia de uma queixa de Camões «á fatalidade que o acompanhou desde o berço» para fixar o ano de 1524, o tal da temerosa profecia...

A queixa de Camões consta dos seguintes versos do Canto X (na edição de Faria e Sousa, e XI na de Juromenha):

> Quando vim da materna sepultura
> De novo ao mundo, logo me fizerão
> *Estrellas infelices* obrigado.

Faria e Sousa, nos seus *Comentarios*, refere que o Poeta, ao aludir ás *Estrelas*, seguia um mau costume («... quien quando habla de sus miserias acusa a las Estrellas, es un mentecato») e lembra que Camões, ao falar dessa maneira, tinha presente um soneto de Boscan, em que ha os versos:

> Qué estrella fué por donde yo vai
> En el mundo con tanta pesadumbre?

Possivel é que o Poeta tivesse presentes as obras de Garcilaso e Boscan, mas não necessitava desse modelo para acusar as *estrelas* (a sua *sina* ou o seu *fado*) das desventuras que o perseguiam.

Como ensina Fr. Noel (*Dictionnaire de la Fable*, Paris, tomo I, pag. 560), já «os antigos egipcios, gregos e romanos, designavam o destino por uma Estrela, persuadidos de que a sorte de cada um dependia do aspecto e disposição dos Astros, por ocasião do nascimento da criatura, e que, numa palavra, o Ceu era um livro que designava em caracteres visiveis a sorte de cada um em particular».

Vejamos o que o *Nouveau Larousse* nos diz sobre as *estrelas*, em concordancia com Noel:

«*Estrela:* Fado, destino, sorte, por alusão á influencia que se atribuia antigamente ás estrelas sobre o destino dos homens. Nascer sob uma boa ou má *estrela*; ter fé na sua *estrela*; amaldiçoar a sua *estrela*.» «A *estrela* é o destino particularisado, é a potencia misteriosa, que para os supersticiosos preside ao destino individual. *Fatalidade* diz-se unicamente dum destino infeliz.»

A *Enciclopedia Portuguesa*, de Maximiano de Lemos, reza tambem: «*Estrela*; Destino, sorte. *Estrela* propicia, *Estrela* funesta. *Ter uma boa estrela*: ser feliz.»

O *Diccionario* da Academia Espanhola ministra a lição: «*Estrela* met. Inclinacion, genio, suerte, destino. *Sors, fatum*. Tener buena ó mala estrella, ser dichoso ó desgraciado. tener próspera ó adversa la suerte ó la fortuna.»

E a comprovar, de um modo significativo, quanto se acaba de reproduzir, sobre a influência atribuida aos astros no *fado* de cada um, estamparei os seguintes exemplos bebidos no *Dicionario Poetico* do nosso erudito *Candido Lusitano*:

> «Fatal influxo de maligna *estrela*»,
> «Dos *astros* as malignas influências»,
> «Da negra *estrela* pestilente influxo»,
> «De *astros* benignos prósperos influxos».

Mas, poderá alguem objectar, que Camões, nos versos que serviram para a dedução do sr. Teofilo Braga alude a *estrelas* e não a *estrela*... e dessa circunstancia inferir que o Poeta não quizera aludir á sua má sina, mas sim aos planetas que em fevereiro de 1524 se haviam de juntar no signo de Piscis, provocando um grande diluvio na terra, fatalidade que não se realizou, para honra dos planetas (?) tão mal avaliados...

Felizmente, o Poeta, em outras composições, referiu-se ao seu *fado* designando-o por *estrela*, no singular, não dando assim alento á exegese fantasista do sr. Teofilo Braga.

Basta, para o verificar, um rapido exame atravez da edição Jupomenha das obras do poeta dos *Lusiadas*.

De resto, além da referencia directa á sua *estrela*, ou seja á sua *má sorte*, o Poeta alude varias vezes aos seus *fados*, á *fortuna imiga* que o perseguia, como pode vêr-se, por exemplo, nos sonetos CXXXIX, CXLIII, CLXXIV, CLXXVI, CXCIII, CCXII, CCLXV, etc.; em face dos quais os leitores ficarão convencidos de que Luis de Camões quando se referia a *estrela* ou *estrelas*, *fado* ou *fados*, e á *fortuna* adversa, queria sempre significar a má sorte com que fôra perseguido desde o berço, as contrariedades de toda a ordem com que se vira a braços, que o levavam a apregoar.

«Na vida desamor somente vi.»
(SONETO XCII)

Não obstante, se isto não convencer os leitores de que Camões não teve em mente referir-se ás *profecias tremendas de 1524*, quando aludiu a *estrelas infelices*, até lhes forneço uma citação do Poeta com que podem auxiliar a exegese do sr. Teofilo Braga:

> «Se eu, que a penna tomei, tomei a espada,
> Para poder jogar licença tenho
> D'esta alta influição de dous Planetas,»

(SONETO CXCII)

Aí têm *Marte e Apolo*, que Camões refere como tendo-o influenciado... O que não sei é se estas duas *estrelas... infelices* se poderão conjugar com o tal ajuntamento no signo de *Piscis*...

Dicant Paduani!

* * *

Se, no livro publicado em 1907, o sr. Teofilo Braga se limitava a fixar em 1524 o nascimento de Camões, em 6 de janeiro deste ano de 1924 o professor de Literatura, por meio de uma entrevista concedida ao jornal *O Seculo* proclamava, á cidade e ao mundo, que Luís de Camões havia nascido «entre os dias 4 e 5 de fevereiro de 1524», porque os signos de Piscis e Aquarium «apareceram e fizeram a sua junção, embora sem os prognosticos se cumprirem, entre 4 e 5 de fevereiro de 1524, conforme documentos respectivos». E acrescentava o sr. Teofilo Braga: «E deste modo, como é com estes signos que Camões declara ter coincidido o seu nascimento, temos a data identificada e podemos concluir que Luís de Camões nasceu em Lisboa (sic) entre 4 e 5 de fevereiro de 1524.»

Estão os leitores vendo como o sr. Teofilo Braga, graças aos estudos que fez desde 1907 a nossos dias, conseguiu determinar que Camões nascera *entre 4 e 5 de fevereiro*, por isso que—assim o afirma o professor de Letras—Camões declara ter coincidido o seu nascimento com a aparição e junção dos signos de Piscis e Aquarium!

Extraordinarios dotes de exegese possue o historiador da Literatura Portuguesa para concluir dos versos de Camões:

> Quando vim da materna sepultura
> De novo ao mundo, logo me fizerão
> *Estrelas infelices* obrigado

que o autor dos *Luziadas* declarava, d'essa feita, haver *coincidido o seu nascimento com o aparecimento e junção dos signos de Piscis e Aquarium!*

* * *

Ex-abrupto, surge no Parlamento um sr. deputado e propõe que seja considerado feriado nacional o dia 5 de fevereiro, *por passar n'essa data o quarto centenario do nascimento de Luiz de Camões*.

Não se ouve a Academia das Sciencias, não se consultam as Faculdades de letras... e a Camara dos Deputados consagra uma fantasia sem base séria, dando existencia... *ilegal* a mais uma lenda!

No dia imediato, o Senado seguia a mesma orientação da Camara dos Deputados, sem que um unico ilustre representante do país no Congresso da Republica erguesse voz de protesto contra a arbitraria consagração de uma mentira historico-literaria.

Felizmente, na imprensa de Lisboa alguns reparos surgiram, para que a todo o tempo não se possa dizer que o país estava tão apatico e a mentalidade portuguesa tão deprimida que vingou sem protesto um *disparate*. Não me recordo de momento de um termo mais anodino....

Como na imprensa, para honra de nós todos, apareceram reparos, o *Seculo* foi entrevistar sobre o caso o sr. Teofilo Braga, que voltou a repetir que numa das canções do Poeta «lá se encontrava a enganosa mas terrivel profecia:

> Quando vim da materna sepultura
> De novo ao mundo, logo me fizeram
> Estrelas infelices obrigado,
> Com ter livre alvedrio m'o não deram
> Que eu conheci mil vezes na ventura
> O melhor e o peor segui forçado.»...

«E' esta — acrescenta o sr. dr. Teofilo Braga — a prova de que Luís de Camões nasceu em 5 de Fevereiro de 1524.»!!!

Os pontos de admiração não da minha responsabilidade...

Perante a *prova* apresentada, acudiram-me á memoria aqueles versos que Castilho poz na boca de *Sganarello* do *Medico á força*:

> Pois sim. Atenção bastante,
> E já vai tudo introjar
> Os vapores ossabandus,
> *nequis, neter, potarinum,*
> *quiper, minus, flos, cobrinum,*
> *cavalones ataubrandus.*
> Ora aqui tem claramente
> porque a menina está muda!

Bem dizia o Poeta, com uma grande previsão dos tempos de hoje:

Ah Fortuna cruel! Ah duros Fados!

Delfim Guimarães

Escrito em 6-XI-923 e reformado em 27-I-924.

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF. C. 1196

CAMÕES HISTORICO

As falsas mulheres do poeta

e a sua obra

segundo a opinião do sabio professor

Mendes dos Remedios

A colera dos sabios é como a das creanças: terrivel, mas fragil. Vir a Coimbra, e, muito cedinho, trepar por entre relvas frescas até ao Penedo da Saudade—a paisagem mais bela do mundo, que, por ser tão bela, tem a distancia duma saudade de sonho—e procurar o sabio Mendes dos Remedios, é cometer um crime.

Mendes dos Remedios, isola-se. No meio da sua biblioteca é como larva em casulo. Não ha primavera, nem amigo que o faça romper o involucro do estudo e da meditação, senão depois dum larga insistencia. Ninguem o vê. Quem vai de Lisboa, tem que desencantá-lo, pacientemente, ouvindo as mais das vezes:

—O senhor doutor foi para a Universidade...

—Olhe que é engano, menina. A Universidade está fechada...

—Enganei-me. Então está no jardim, a regar as rosas.

Esperamos. Santo dia de primavera precoce. O ceu, coberto de oiro, é um pluvial. Toda a paisagem, vagamente recolhida, morena, taciturna, calada, enevoada de sonho, que tem a transparencia de aroma—vista do Penedo da Saudade, até muito longe, entre a Serra da Estrela e as serranias da Louzã cobertas de nevoa, parece escutar a eterna redondilha do Mondego, levando á flor das aguas os segredos de Inês, os soluços da Rainha Santa, os amores de Camões e de Isabel, *a menina dos olhos verdes*, da quinta de Vila Franca.

* * *

O sabio aparece. Alto, magro, calva socratica; oculos inquietantes e prescrutadores; uma nodoa romantica, na violeta, que a botoeira prende. Levamos dez longos minutos a cansar a sua resistencia. Por fim, exclama, impaciente:

—Tenho que escrever dois longos artigos. A sua visita arrancou-me á secretária... Falar-lhe de Camões? Mas está tudo dito, tudo. As minhas opiniões sobre o poeta foram, ainda há bem pouco tempo, expostas em conferencia.

—Opiniões... Uma delas: concorda com a data escolhida para a glorificação?

Aqui, animou-se. Houve um contraste, o entusiasmo venceu a serenidade, fria e hostil, com que nos tinha recebido:

—Mais uma ideia de Teofilo! Teofilo tinha uma imaginação opulenta; relia as suas obras e duma suposição pretendia tirar um facto. E' impossivel, hoje, determinar o dia exacto do nascimento de Camões...

—Mas Teofilo devia ter as suas razões...

—Pessoais, concordo. Fundou-se num horoscopo das *estrelas infeuces*, que correu em Lisboa em 1524, a que o poeta alude numa das suas canções. Nesse tempo correu um famoso prognostico astrologico, dum diluvio, determinado pela conjunção dos planetas em Piscis.

—Uma fantasia...

—Uma fantasia. E' impossivel determinar, com segurança, o dia do nascimento de Camões...

—E o ano...

—Esse sim. 1524 está certo. Deve-se ao visconde de Juromenha a descoberta dum documento da Casa da India, onde está registado o nome de Camões, a idade: 25 anos e uma nota muito interessante, para a iconografia do poeta: *barbi-ruivo*. Nesse tempo os anos começavam a contar-se nas proximidades da Pascoa. Descontando, portanto, algumas semanas, temos o ano de 1524.

—E o dia da morte...

—Tambem nada se sabe de positivo...

Mendes dos Remedios fala, agora, com uma grande volubilidade. Estamos na sua biblioteca. Estantes inglesas, de nogueira clara. Poeira e livros. Pela janela a paisagem deslumbra. Primeiro, os campos ribeirinhos; o Mondego, feito de almas encarceradas, lendas de luar nos choupos desgrenhados, palpitações brandas de peitos alvos de mulher nas curvas sinuosas; como duas azas de azul extático, os montes proximos; a distancia, como uma nuvem, a Louzã; mais longe, como um farrapo de sonho, outras montanhas. Embriaguês do ceu, de luz em flôr, por toda a paisagem, por todo o espaço, desabrochando as rosas opulentas, no jardim. Assombro! Beleza esmagada e real!

Mendes dos Remedios prende-nos ao dialogo, dizendo:

—Nem se sabe mesmo onde o poeta nasceu.

—Em Coimbra? Em Lisboa? Em Santarem?

—Uma das duas primeiras cidades... Talvez em Lisboa.

O sabio nega, nega sempre, tentando separar da lenda a realidade. Condena os estudos subjectivos de José Maria Rodrigues sobre a paixão de Camões pela infanta D. Maria.

—E Natercia...

—E' de todas as figuras a mais fragil. Catarina de Ataíde era uma criança de 13 anos, quando Camões esteve em Lisboa. [illegible] se compreende que o poeta amando-a tanto, a abandonasse e partisse...

—E Isabel, a Beliza de olhos verdes, infancia de amor, branca e loura como o sol?

—Outro sonho, outra interrogação. A vida de Camões é uma nublose. Quere ouvir um caso curioso? O soneto *Alma minha gentil que te partiste*, que se supoz ser dirigido a Catarina de Ataíde, foi, afinal, escrito em memoria duma macaense, que o poeta conheceu no Oriente, segundo se depreende dum documento descoberto por João Grave.

—Como reconstruir a personalidade romantica do cantor dos *Lusiadas?*

—E' dificil. Não ha um dado certo, irrefutavel. Camões foi uma borboleta atraída pela chama da beleza, por todas as chamas. De todas as mulheres que se dizem ter passado na sua vida, a que tem verdade historica é Gracia de Morais, uma famosa cortezã, que ele conheceu em Gôa. Foi identificada pelo sr. Lopes de Mendonça. Camões cantou-a, fazendo deliciosos trocadilhos com o seu nome.

Mendes dos Remedios falou-nos, depois, numa ecloga, intitulada os *Faunos*, de dificilima interpretação. Tem dois personagens: Camões e o seu amigo Antonio. Por ela tem querido o sabio professor, sem resultados positivos até hoje, reconstituir o drama romantico de Camões.

Pela janela aberta entra o perfume das rosas. O sol arde com esplendor de incendio, enxugando as areias do Mondego. A paisagem, ardente, tem espasmos de luz.

—Camões tinha um ideal; criou um tipo de beleza, como todos os poetas da Renascença. Nos versos de Camões perpassa uma longa teoria de mulheres, mulheres que a fantasia do poeta criou, emprestando-lhes uma perfeição quasi divina, partindo da vida para o sonho. E' o caso de Petrarca, cantando Laura, mulher casada de copiosa descendencia... O de Dante e Beatriz. Apenas simbolos de desvairadas paixões.

Prosseguimos:

—Onde teria sido concebida a epopeia dos *Lusiadas?* Ha quem supônha que foram inspirados no Paço da Ribeira, ante as tapeçarias da descoberta da India, que D. Manuel mandou fazer a Flandres...

O sabio duvida, muito positivo, sempre positivo:

—Storch apresenta uma versão curiosa: Que o poeta se inspirou, na Batalha, em frente dos tumulos da *inclita geração*.

—E' aceitavel...

—E'.

—Como teriam sido trabalhados os *Lusiadas*...

—Os *Lusiadas* devem ter custado a Camões um quarto de seculo. Primeiro escreveu os cantos dos Reis. A parte heroica, grandiosa, foi trabalhada numa inspiração, rapida e tumultuosa. A ordem por que fez os cantos não é aquela que tem hoje. Depois de ter escrito os cantos dos Reis, fez a proposição; a dedicatoria ao rei D. Sebastião; os fechos das estancias, um pouco monotonos, sentenciosos. Camões, como João de Barros, como Castanhede, como Gaspar Correia, escreveu para a historia. Sente-se, nos *Lusiadas*, que o poeta tinha a preocupação de vincar o seu nome imortalizando a epopeia da raça. Eram todos assim, naquele tempo, cronistas ou poetas, cheios de ambição e de audacia, eles pareciam julgar que escreviam a historia pela primeira vez. Camões, além da audacia, além de ambição, tinha genio.

—Diga-me, os *Lusiadas* estão intactos...

—Estão. O Santo Oficio foi benevolo.

—Aqui o nome do padre censor.—Basta atentar na descrição da *Ilha dos Amores*, descrição ovidiana, cheia de nú, de volupias pagãs. Ora quando este trecho foi respeitado, os outros tambem o deviam ter sido...

E sôbre a educação mental de Camões:

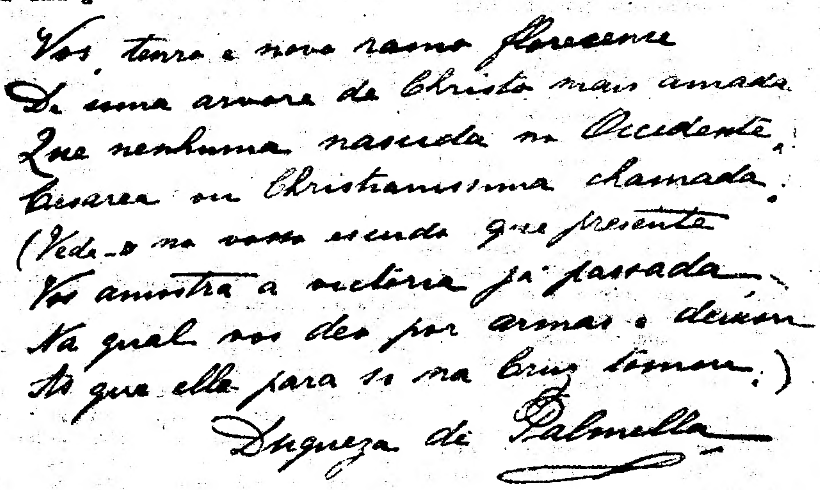
—Foi um grande artifice da Renascença. Italianisou a poesia. Superior a Sá de Miranda, um velhorro rebarbativo, de alta prosapia, amigo de Sanazarro, que muito viajou pela Italia. Camões, como sabe, era *bacharel latino*, graduado na Faculdade de Artes.

—Toda a sua obra está estudada...

—Não. As comedias dão materia para muito estudo e muita investigação. Estão por explorar...

Terminára a entrevista, uma entrevista sem apontamentos, que durára meia hora.

Agora era Mendes dos Remedios, que nos procurava reter, interessando-nos pela sua camoneana, metido outra vez no casulo da sua biblioteca, com minucias de apaixonado investigador, falando, negando, erguendo, pouco a pouco, um Camões humano, veridico, historico, objectivo que, apesar de despido da lenda, ficou maior, tão grandioso como a palavra Portugal.


Vós, tenro e novo ramo florescente
De uma arvore de Christo mais amada
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesarea ou Christianissima chamada;
(Vede-o no vosso escudo que presente
Vos amostra a victoria já passada,
Na qual vos deo por armas e deixou
As que elle para si na Cruz tomou.)
Duqueza de Palmella

A VII estrofe do canto I

escrita pela duqueza de Palmela

— O TEMPO —

Situação geral ás 7 h. de 4: Depressão na Islandia 742mm com tendencia a deslocar-se para SE. Vento NE bonançoso na costa de Portugal, vento N muito fraco nos Açôres. O barometro desce na Islandia mais fortemente e em toda a Europa com excepção da Escossia e Mediterraneo onde sobe.

Tempo provavel em Lisboa no dia 5: Bom tempo, vento NE fraco, ceu limpo.

A Cidade

Fernando de Mattos Chaves
attende os seus Ex.mos
Clientes das 4 ás 6 na
Rua Visconde de Valmor, 70-2.º
Tel. N. 1583

Chá das cinco

Tragedia postal

Aquela cabecita fragil de dezaseis anos andou toda a manhã inquieta e presa de um intimo sobresalto. Saltitava de um lado para o outro, como uma borboleta em manhã de primavera, dominada por uma anciedade que se podia ler no azul metalico dos seus olhos como o reflexo tremulo duma arvore na superficie polida dum lago.

Ia e vinha, sem descanço; ora ria, ora cantava, ora chorava, ao sabor da sua imaginação exaltada e romantica, que a levava para um mundo irreal de sonho e de quimera.

A mãe andava preocupada com aquele despertar precoce da sensibilidade amorosa, alvorada feita manhã, botão de rosa a sorrir, sonho a transformar-se em realidade.

—Mas o que tens tu, minha filha?

—Nada, não tenho nada.

—Porque choras?

—Eu não choro. Vê, mamã, já estou a rir.

E ria, num riso menino, que lhe acendia nas faces duas rosas vermelhas debruçadas sobre o lago azul dos seus olhos.

Mas fugia logo, escondia-se no seu quarto, para chorar outra vez, banhada em lagrimas, como se aquilo fosse morte de homem ou prenuncio de catastrofe iminente.

Encostada aos vidros da janela a sua cabecita cheia de ilusões e de cabelos loiros, esperava. Nada. Não vinha ninguem. Passavam homens para o trabalho, tilintavam as campainhas dos electricos, subia da rua um pregão vadio, e ela esperava sempre.

Tinha prometido escrever-lhe, tinha jurado, por uma coisa sagrada, que não lhe faltariam noticias, que lhe mandaria pelo correio muitas saudades—e nada, sempre nada.

Bateram á porta. Não! Foi ao coração dela que bateram. Abriu, a tremer. Era o pai que já tinha saído da repartição — sem ter entrado.

— Porque vieste tão cedo, papá?

— Porque estou em grêve, minha filha — grevé de braços caídos. E como tanto faz estar sem fazer nada na repartição como em casa, resolvi voltar para casa — de braços caídos.

— Os correios estão em grêve, papá?...

Inundaram-se-lhe os olhos de lagrimas. Desta vez, chorava de alegria. Abençoada greve—que devolveu a confiança áquele coraçãosinho martirizado de desaseis anos!

Norberto Lopes.

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50—CHIADO—LISBOA

Manzoni de Sequeira

Passa hoje o aniversario natalicio do nosso querido amigo sr. Manzoni de Sequeira, distinto administrador do *Diario de Lisboa*.

Todos quantos trabalham neste jornal, abraçam vivamente Manzoni de Sequeira, desejando que ele atinja o centenario.

Campeonato de Espada

Está marcada para ámanhã, a realização do campeonato de espada entre as Escolas Superiores de Lisboa.

A sessão abre por uns assaltos ás três armas pelos nossos mais distintos atiradores e mestres de armas.

POLITEAMA HOJE e AMANHÃ
A DOMADORA

SENHORIOS E INQUILINOS

80 familias ameaçadas de ficarem sem casa!

Antes de entrarmos propriamente no assunto, seja-nos permitido fazer a seguinte e oportunissima pregunta:—quando será que o governo, de harmonia com o parlamento, se interessará, a bom interessar, pelo problema grave do inquilinato, de maneira a pôr cobro, duma vez para sempre, aos mandados de despejo consecutivos, com sacrificio de centenas e centenas de familias?

Todos os dias se contam casos novos de guerra entre senhorios e inquilinos, servindo-se os primeiros de todos os processos para se desembaraçarem dos segundos, na mira de novos e fabulosos interesses.

Não será tempo de se estudarem, com o devido criterio, de justiça, as bases duma nova lei do inquilinato—pela qual fiquem devidamente assegurados os interesses legitimos das duas partes, em aborrecido, incomodo e permanente litigio?

* * *

O jornalista conseguiu saber hoje coisas muito interessantes sobre o assunto, e por elas ficarão os nossos leitores vendo como se vive numa epoca de baixos interesses, sacrificando-se o socego e a tranquilidade de muitos lares, devido a conluios vergonhosos que as autoridades competentes tinham obrigação de desvendar e reprimir.

O caso é este: ha senhorios que fazendo tudo quanto lhes está á mão para pôrem na rua os inquilinos, vão até á infamia de participarem para a 4.ª repartição da Camara Municipal que os predios ameaçam ruina, contando, já se vê, com um favoravel auto de vistoria...

Feito este, incumbe á Policia Anministrativa, que o recebe, fazer a respectiva intimação aos inquilinos, para que abandonem os predios.

Ora se, de entre estes, existem alguns que necessitam, com efeito, de serem totalmente reparados, precizando por conseguinte do necessario despejo, outros ha que não precisam de reparação alguma, vendo se apenas niste o interesse mesquinho dos senhorios, desejosos de subir, escandalosamente, o preço dos arrendamentos.

A policia administrativa, porem, não procede levianamente, e graças ao seu esforço é que muitas familias não têm sido postas no meio da rua. As intimações feitas pela policia administrativa, baseados em todas as leis que têm pretendido regular, juridicamente, o problema do inquilinato, vão demorando as acções de despejo, de forma que os inquilinos vão continuando a ter casa, sendo esta, porem, uma situação insustentavel.

Ha inquilinos que se prontificam a fazer as reparações que os predios necessitam, opondo-se-lhe, porém, a vontade dos senhorios, sempre na mira de obter novos inquilinos e, consequentemente, novas e mais pesadas rendas.

Informam-nos, na policia administrativa, que existem em Lisboa umas oitenta familias ameaçadas de irem para a rua, ficando os predios que ameaçam ruina, segundo o *auto de vistoria—sempre favoravel aos senhorios*—nas ruas de Merca Tudo, João do Rio, dos Vinagres, Martires da Patria e Janelas Verdes.

Seja-nos permitido, para findar, subtrair, dos factos acima, a seguinte hipotese: não estará a 4.ª repartição da Camara Municipal submetida á vontade dos proprietarios sem escrupulos de Lisboa, não só porque lhes são sempre favoraveis os autos de vistoria, mas tambem porque deveria fiscalisar a construção dessas gaiolas a que, por ironia, é costume chamar predios?

Quando olharão para isto, com olhos de vêr, as autoridades competentes?

Atropelamento mortal

Esta manhã, um «camion» guiado por José Francisco, aprendiz de «chauffeur», atropelou na rua Marquez Sá da Bandeira, um individuo pobremente vestido, que teve morte instantanea, ignorando-se a sua identidade. Suspeita-se que seja um trapeiro.

O José Francisco foi preso, assim como o «chauffeur» do «camion» Fernando Dias das Neves, por consentir que aquele governasse o carro.

DE LUTO

Lucinda Vieira Tavares

Manuel Augusto Tavares, Maria de Jesus Tavares, Maria Augusta Tavares, Filipe Jesé Tavares e esposa, Henrique José Tavares, esposa e filhos participam a todas as pessoas das suas relações e amisade que no dia 6 do corrente, pelas 9 horas, na igreja do Socorro se resa uma missa por alma de sua muito querida esposa, mãe, filha, irmã, nora e cunhada, agradecendo a comparencia a este piedoso acto bem como desde já a todos que a acompanharam á sua ultima morada.

Valentim dos Santos

Realisou-se ontem o funeral do sr. Valentim dos Santos, pai dos srs. Augusto, Francisco, João e Manuel dos Santos.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Presidente do governo

O sr. presidente do ministerio regressa do Porto, no «sud-express» do dia 6, seguindo directamente da estação do Rocio para o Parlamento. Antes de partir, o sr. dr. Alvaro de Castro mandou convocar o conselho de ministros para o dia 15, ás 9 horas da manhã.

A «GRIPPE»

Devido á variação atmosferica, têm-se registado inumeros casos de «grippe».

Entre o pessoal dos electricos, por exemplo, a percentagem dos «grippados» é enorme, tendo-se visto a Companhia na necessidade de sobrecarregar com serviço o pessoal que escapou a esta verdadeira epidemia.

De viagem

Partiu hoje para o norte o sr. dr. Paulo Cancela de Abreu.

—Regressou do norte o sr. dr. Germano Martins.

—Partiram hoje no «Sud-express» para Paris os srs. drs. Oscar Gonçalves e Ernesto Gonçalves.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

Pelos teatros

José Loureiro

Reabre amanhã o Trindade. Este facto, que constitue um acontecimento grande na vida de Lisboa, pelo que ele encerra de proveitoso para o teatro português, pois é mais um Templo da Arte que se escancara á avidez do publico, tem, no entanto, uma maior e mais exaltada importancia, porque veiu revelar aos descrentes e aos criticos quanto pode a iniciativa de um homem arrojado, que não trepidou deante de uma obra, que ele sonhou,

JOSE LOUREIRO

durante quasi um ano, o sono e a tranquilidade, que lhe consumiu a fortuna. José Loureiro, não é, hoje, apenas um emprezario discutido, naturalmente consagrado como o primeiro do país; é, egualmente, um homem de acção, um português sincero e devotado á sua terra, ao contrario de tantos outros nossos conpatriotas que carreiam o seu dinheiro para fóra de Portugal, ou o aferrolham avaramente.

O «Diario de Lisboa» presta esta homenagem modesta a José Loureiro, que tem nesta casa as melhores simpatias, crente que a obra que ele acaba de levar a cabo lhe sirva ainda de maior estimulo para outros emprendimentos de vulto, que dignifiquem mais, se é possivel, a arte dramatica portuguesa.

Atrás do reposteiro

Toda a imprensa do Porto é unanime em preclamar o sucesso que ali acaba de obter com a peça «A Vinha do Senhor», a Companhia Lucilia Simões, cujo exito tem sido tão grande que as lotações do Sá da Bandeira se têm esgotado completamente.

—Chabi Pinheiro, que no Aguia de Ouro está representando «O Conde Barão», realiza a sua festa no proximo dia 7 com a peça de Bataille, «Poliche».

—No proximo sabado realiza-se, no Nacional, a recita de homenagem ao escritor Augusto de Lacerda, autor da peça, ali em scena, «O Pasteleiro do Madrigal».

—A Companhia Satanela-Amarante faz, na proxima sexta-feira, «reprise» da opereta «A Perola Negra», representando, pela primeira vez, no dia 15 do corrente, em recita de homenagem a Nascimento Fernandes a opereta «O Poço do Bispo», o novo original dos autores da «Perola Negra» e do «João Ratão».

—O empresario sr. José Loureiro recebeu da A. C. T. T. assinado pelo seu presidente, o ilustre escritor D. José Paulo da Camara, nosso colega do «Diario de Noticias», um cativante e entusiastico oficio de saudação, a proposito da reabertura do Trindade.

—Reuniu hoje a Associação dos Empresarios Portugueses, tendo começado a discussão dos seus estatutos.

—Chegaram ontem a Lisboa os empresarios: Juca de Carvalho, vindo da sua casa no Douro; Antonio Castro, vindo do Porto e Antonio Macedo, que esteve alguns dias em Vigo.

—Continuam em scena com grande exito: no Eden, a magica «A Pera de Satanaz» e no Avenida, a opereta «Miss Diabo».

—Conforme já foi dito nos jornais da manhã, a inauguração do Trindade só ámanhã pode ter logar, em virtude de se ter de proceder a uns ultimos trabalhos. Este espectaculo realiza-se por meio de convites da empresa José Loureiro á Imprensa, aos seus amigos e colaboradores, com a «avant-première» da peça de Eduardo Schwalbach «Fogo Sagrado», realizando-se tambem, definitivamente, na quarta feira, 6, a inauguração do teatro, para o publico, recita inaugural e primeira de assinatura com a mesma peça em «première».

—A empresa José Loureiro ontem mesmo contratou, para dez concertos de arte, o maestro Nicolino Milano que, como se sabe, é um ilustre violinista. Nicolino tocará, desde ámanhã, nos entre-actos da peça «Fogo Sagrado», acompanhado a piano.

Calçado «PACKARD»
para homem
Absolutamente garantido a ESC. 85$00 cada par, preço uniforme para todas as qualidades
CASA ATLAS
Rua Augusta n.º 149

A Cidade

MATTA, L.DA
R. Horta Seca, 40-1.º Tel. 1610-C.
IMPORTADORES:
Bijouterias, quincalherias, cutelarias, artigos de ménage, etc.
Os nossos preços são os mais baixos. Visitenos V. Ex.ª, para certificar-se!!!

O MOMENTO POLITICO

O PARLAMENTARISMO

e a ditadura

segundo o comandante Filomeno da Camara

Já ha muitos dias que corre, pela cidade, com insistencia, o boato da reaparição dos «Homens Livres», aquela revista onde todos os bons portugueses se deram as mãos no sonho alto duma Patria grande. Todos conhecem os motivos do fracasso desse belo movimento, dessa plataforma patriotica. O sr. Antonio Sergio, «Homem Livre», deixou se prender pelo sr. Alvaro de Castro e comprometeu, com o seu gesto, o nobre movimento. O desanimo tomou posse das fileiras dos «Homens Livres». A revista acabou e nada fazia prever a sua reaparição. Surpreendeu-nos, portanto, a estranha noticia. O boato correu, correu muito... Decidimos correr atrás dele, apanhá-lo, examinar-lhe as probabilidades, desencantá-lo .. Por indicação dos proprios «Homens Livres» dirigimo-nos ao sr. comandante Filomeno da Camara, o ilustre oficial de marinha, grande colonial, que fez do carcere de Timor um perpetuo jardim. O sr. Filomeno da Camara, ex-governador de Timor e de Angola, é uma das maiores figuras do Portugal Contemporaneo.

—Pode V. Ex.ª, sr. comandante, informar o *Diario de Lisboa* sobre a anunciada reaparição dos «Homens Livres»?

—Eu creio que essa informação deveria ser antes pedida aos proprios «Homens Livres».., Eu não tive a honra de pertencer a esse agrupamento...

—Perdão, sr. comandante: foram alguns desses «Homens Livres», a quem nos dirigimos primeiro, que nos indicaram o nome do comandante como a pessoa que melhor nos poderia ilucidar...

—Pois seja. Nenhuma razão tenho para lhe ocultar o que sei. Não são os «Homens Livres» que vão ressurgir: A ideia que eles representam é que vai continuar o seu caminho. Por minha parte considerei o aparecimento dos «Homens Livres» como um dos mais notaveis acontecimentos da nossa vida politica. Os «Homens Livres» tiveram a grande coragem civica de encontrar, dentro da Republica, um terreno neutro em que cabem monarquicos e republicanos, uma plataforma patriotica em que têm lugar todos os portugueses bem intencionados. Os «Homens Livres» deram uma forma pratica ao nacionalismo. E é essa a razão porque, tendo começado por lhe negar o ressurgimento dos «Homens Livres», lhe posso agora afirmar, sem medo de equivocos e sem receio de falta de credenciais, que os «Homens Livres» vão ressurgir para uma vida longa, tão longa que durará enquanto durar, em corações portugueses, a ideia de uma Patria portuguesa.

—Mas porque não continuou a publicar-se o orgão dos «Homens Livres»?

—A publicação dêsse semanario não fazia sentido quando do grupo se separaram duas ou três figuras e entre elas a do redactor principal da revista, o sr. dr. Antonio Sergio. Os «Homens Livres» não teriam, por ventura, delineado com bastante nitidez a sua finalidade, a um tempo, doutrinaria e politica. Afonso Lopes Vieira que é um grande poeta e um grande coração esmoreceu, pensou, mais uma vez, que nós, «os que amamos Portugal com amor louco, por motivo do mesmo amor teremos que nos exilar». Dou-lhe, porém, a grata noticia de que entrou em franca convalescença e com o seu auxilio conta a «Acção Nacional»...

—E' então essa a designação sob que vai continuar-se o movimento aos «Homens Livres»?

—Parece que sim. Desistimos da originalidade porque não ha designação mais apropriada. O governo da nação, pela nação e para a nação, é o nosso objectivo.

—Qual é o programa da «Acção Nacional»?

—No Integralismo, no Nacionalismo Lusitano, no Presidencialismo, na «Seara Nova», na obra de jornalistas ilustres como Trindade Coelho, de economistas como Ezequiel de Campos, nos estudos financeiros de Quirino de Jesus, na vasta obra de Pequito Rebelo, no apostolado de Carlos Malheiro Dias, em toda a Renascença Nacional da Arte Contemporanea Portuguesa, pode o «Diario de Lisboa» encontrar esparso, fragmentado, todo o programa da Acção Nacional. Eu já lhe disse há pouco que os «Homens Livres» tinham dado uma forma pratica ao Nacionalismo. Não afirmei que o tivessem inventado. Seria até injustiça esquecer o Nacionalismo Lusitano que, anterior aos «Homens Livres», teve por arauto o sr. João de Castro. O Integralismo, anterior aos dois movimentos, é uma forma especial e pura de nacionalismo mas sistematica e presa a uma formula de regimen: a monarquica. O Nacionalismo não se inventa, nasce espontaneo do seio das nações que sofrem e é pela voz dos seus poetas que os povos cantam as suas glorias e choram as suas desditas. Ha quem atribua ou reduza o nacionalismo português a uma imitação de figurinos estrangeiros, querendo provar que em Portugal não há nacionalismo, E' manifesto o erro desta afirmação que talvez não seja sincera e apenas represente uma maneira despeitada de atacar e ridicularisar o nacionalismo. A verdade é que, há bom meio seculo, a nossa literatura é essencialmente politica. Foi negativista, pessimista e destruidora com Eça, Ramalho, Junqueiro, Oliveira Martins e quasi todos os da sua geração.

«Mas já com eles se iniciou a reacção nacionalista e constructiva que constitue o aspecto dominante da nossa vida artistica dos ultimos vinte anos. E' Afonso Lopes Vieira, conferencista infantigavel, poeta educador de creanças, prosador impecavel que faz, no «Amadiz», uma reivindicação patriotica. E' Raul Lino, o arquitecto da casa portuguesa. E' Aquilino Ribeiro arrancando da terra a sua literatura. E' o grande escritor Carlos Malheiros Dias apostolando para as mocidades academicas, e sobretudo, erguendo esse grande monumento que é a «Historia da Colonisação.» E' Reinaldo dos Santos, decifrador de esfinges. E' José de Figueiredo e Luciano Freire ressuscitando Nuno Gonçalves. E' a obra de Raul Proença e de Jaime Cortezão na Biblioteca Nacional. E' o teatro regional de Carlos Selvagem. São as evocações historicas de Antero de Figueiredo. E' toda a bela campanha nacionalista de Antonio Sardinha, de Hipolito Raposo, de Alberto Monsaraz...

Filomeno da Camara, durante alguns minutos, continua fazendo o balanço de toda a cultura portuguesa, bem portuguesa, citando nomes, enfileirando argumentos, revelando uma forte cultura literaria bem rara de se encontrar nos nossos homens publicos.

—Todos esses valores, todas essas tendencias nacionalistas demonstram, triunfalmente, que a nossa epopeia maritima obedeceu a um pensamento consciente inteiramente elaborado em Portugal. O exame critico deste notavel movimento nacionalista nas letras portuguesas terá de ser um dia uma bela pagina da historia de Portugal, e só esta despreocupação de vida airada em que marcha a governação publica poderá explicar que nos arraiais politicos se não tenha dado atenção a tão sugestivo traço de nacionalismo puro. A obra que a «Acção Nacional» se propõe realizar é coordenar todas essas correntes do pensamento nacional numa só força capaz de agir no campo politico. Como vê é uma questão puramente domestica em que não ha espirito algum de imitação, E' certo que o nacionalismo não tem só o aspecto domestico ou interno. O ideal duma Patria universal não é nem podia ser, o ideal do nacionalismo. O nacionalismo tem fronteiras e ciosamente procurará defendê-las. Nós queremos o nosso imperialismo dentro do que é nosso contra o imperialismo avassalador das nações de presa e contra o imperialismo deliquiscente do comunismo.

—Constou-nos que a «Acção Nacional» vai publicar um manifesto. Será verdade?

—Eu sei o que vão pensar... Mais um manifesto... Conheço o comentario, conheço a tendenciazinha para a facecia. O homem que ri sente-se superior. Eu, por mim, vou notando que por detrás da mascara do riso se esconde, muitas vezes, o despeito ou o medo. Riem, mas o que desejam, no fundo, é morder .. Sim... Vamos publicar um manifesto. Esse manifesto não será um programa mas, sim, a nossa oração pela Patria e o primeiro sinal publico da nossa existencia. Iniciaremos depois a publicação da «Acção Nacional» e esperamos encontrar na imprensa diaria o auxilio e o acolhimento que merecemos. Como verifica, o nosso movimento pretende fazer-se debaixo para cima, construindo e organizando a nação da qual nos consideramos os seus mais humildes servidores...

Nesta altura o jornalista atreve-se a fazer a pregunta mais dificil, aquela que mais luz poderá fazer sobre os intuitos politicos da «Acção Nacional»:

—A «Acção Nacional» defenderá a ditadura?

—Desculpe-me que eu seja um pouco grosseiro na minha resposta, mas o pensamento da «Acção Nacional» paira mais alto. A «Acção Nacional» não se preocupa com a ditadura. Em qualquer hipotese a ditadura nunca poderá passar dum episodio transitorio a que só a hipocrisia demagogica tenta dar vulto. Não é pela ditadura que a «Acção Nacional» julga poder restituir ao país as liberdades de que presentemente está arredado pela tirania demagogica e parlamentarista. Será pela organisação metodica da nação despertando a consciencia e o orgulho nacional e fazendo ver, no seu justo valor, a grotesca e infeliz comedia que, sem dignidade nem originalidade, está mantendo o país num estado de caquexia senil. Será assim que a «Acção Nacional» pensa poder atingir a sua finalidade politica. A «Acção Nacional» confia na nação, não confia na ditadura. O horror a ditadura é uma hipocrisia reles que já não ilude ninguem. A ditadura apresentada como a panacea milagreira que nos livre de todos os males que nos afligem, é uma atitude mental inferior. A «Acção Nacional» julga até perigosa a esperança duma ditadura messianica que, em vinte e quatro horas, faça o milagre de baixar o preço das subsistencias, levar o cambio ao par e extinguir o «deficit» orçamental, sem sacrificios para ninguem. Pelo que nós, decididamente, combateremos, será pela dignidade dos poderes do Estado. O principio da autoridade será o nosso grande estandarte. Nós não podemos compreender um poder executivo á mercê da nomeação dum governador civil e de todas as cascas de laranja que o rapazio de S. Bento se entretem a lançar-lhe aos pés, no meio da galhofa geral...

—A Acção Nacional discorda das opiniões sôbre a ditadura, apoiada nas espadas, que o capitão Cunha Leal preconisou na Sociedade de Geografia?

—Você tem o direito de me fazer as preguntas que muito bem entender. Mas se me dá licença eu vou responder-lhe dando um outro arranjo á sua pregunta: «O capitão Cunha Leal concorda com o movimento da Acção Nacional?» A meu ver, o capitão Cunha Leal é um convertido ás ideias do nacionalismo. O sr. Cunha Leal, na Sociedade de Geografia, atacou o regimen parlamentarista que nos governa. Esta foi, na essencia, a ideia mestra da sua conferencia. O sr. Cunha Leal aderiu, desta forma, a todas as teorias nacionalistas. Na conferencia que fez agora em Viseu, de que só conheço ainda umas ligeiras referencias, creio que o sr. Cunha Leal atacou o liberalismo constitucional da Monarquia de que o parlamentarismo da Republica é uma fiel reprodução. Ora isso pertence ao *A. B. C.* do nacionalismo.

—O remedio é então uma ditadura?

—A ditadura, para o nacionalismo, será, porventura, uma necessidade breve e transitoria para sairmos do ponto morto em que nos encontramos. Sabemos muito bem que uma nação não pode viver em ditadura permanente. Em ditadura permanente só vivem os organismos parasitarios como a oligarquia que actualmente roe o país como uma gangrena seca. Nacionalismo e ditadura são expressões antagonicas como concordantes são ditadura e parlamentarismo.

UM VENDEDOR
de jornais
victima de um desastre

Os jornais da manhã, de hoje, noticiaram que o vendedor de jornais José Maria Soares, o «José Piné», foi vitima de um desastre na estação do Mont'Estoril, tendo ficado com uma perna esfacelada.

O infeliz, a quem amputaram a perna, não resistiu á operação que lhe foi feita no hospital de Cascaes. Faleceu hoje ás cinco e meia horas da manhã.

O José Maria Soares era muito conhecido e estimado por todas as pessoas que vivem na linha de Cascaes, e foi um dos propagandistas do nosso jornal.

A' familia enlutada enviamos pezames.

INAUGURAÇAO
do retrato
de um chefe de bombeiros

No Estoril realizou-se ontem uma interessante festa para comemorar o primeiro aniversario da organização do corpo de bombeiros voluntarios. Efectuou-se uma sessão solene a que presidiu o sr. dr. Brás Nogueira, secretariado pelos srs. Joaquim Tectonio Segurado e Nascimento Soares.

Usaram da palavra varios oradores que enalteceram os meritos da briosa e distinta cooperação. Foi inaugurado, na sala principal da sede, o retrato do 1. comandante Joaquim Nascimento Gouvinho.

Abrilhantaram a festa as bandas da Sociedade Musical de Cascais e a de Linda-a-Pastora.

Todo o material dos bombeiros do Estoril, esteve exposto ao publico durante o dia.

Fizeram-se representar a Camara Municipal, que muito tem contribuido para o desenvolvimento do corpo de bombeiros voluntarios de Algés, Amadora, Paço de Arcos, Cascais, Dafundo, Ajuda e Barreiro.

O GENIO DA RAÇA

A vida e a morte
DE LUIZ DE CAMÕES

"Vou acabar os meus dias, e toda a gente saberá então que amei tanto a minha Patria, que não só me dou por feliz morrer nela, mas ainda morrer com ela,,

foram as ultimas palavras do grande poeta

Camões passou os primeiros anos da sua mocidade em Coimbra, em cuja Universidade se tornou notado não só pela sua inteligencia e amor ao trabalho, como pela exuberancia de vida e genio brigão. Aos dezoito anos ninguem melhor do que ele sabia glosar um mote, e dirigir a ponta duma espada. Prometia duplamente o que mais tarde duplamente devia obter.

Mas a sêde dos prazeres não lhe fez desprezar um momento os estudos. Guiado por seu tio, o monge D. Bento, superior do convento de Santa Cruz, e uma das inteligencias mais esclarecidas do seu tempo, Camões trabalhou com afinco e proveito. Estudou as literaturas antigas, a que a renascença dava nova vida, e analisou todos os autores modernos que lhe ficaram de memoria.

Foi em virtude dessa vasta erudição, adquirida por um trabalho incessante, foi em virtude da grande memoria de que era dotado, que póde gravar no espirito as belezas de todos os poetas celebres da antiguidade que o haviam successivamente entusiasmado e de que reproduzia certas formas sem comtudo as imitar.

O campo viridente de Coimbra, o Mondego, cuja cintura argentea aperta entre as suas pregas as montanhas de reflexos de sêda, como uma tela amarrotada pela mão dum titan, a poesia insinuante e melancolica daquela terra, coroada duma nevoa dourada, não contribuiram pouco para exaltar a imaginação do moço poeta, deixando-lhe no espirito umas doces reminescencias, que ele soube pôr em versos adoraveis ao escrever o tocante episodio de Inez de Castro.

Terminados os estudos, voltou a Lisboa em 1544, principiando a figurar na qualidade de escudeiro na côrte de D. João III. Era um rapagão de fisionomia agradavel, cheia de nobreza, ares altivos, olhar vivo e penetrante, a fronte coroada de uma cabeleira espessa e loira, naturalmente anelada; a boca sarcastica, assombreada por um bigode ruivo, retorcido nas pontas. Toda a gente o tinha por formoso. Contava nessa epoca por amigos os filhos das casas mais ilustres de Portugal. As mulheres amavam-o á porfia, e ele a nenhuma negava a sua adoração, do que são provas as suas poesias soltas. Mas da admiração á inveja não ha mais do que um passo, e da inveja á inimizade não ha distancia perceptivel sequer; quanto mais da inimizade á calunia! Camões conheceu-o em breve. Todas aquelas afeições, as simpatias, os entusiasmos que o haviam acolhido, iam transformar-se em odios implacaveis que deviam acompanhá-lo até ao tumulo.

Três anos depois da sua chegada á côrte, o nome de Camões achou-se ligado a um pequeno escandalo do palacio. O moço vate amava uma donzela da primeira nobreza, por nome Catarina de Ataide, que tambem o amava, mas cuja familia não aceitaria de bom grado um rapaz sem riqueza. Por que especie de intriga foram separados os dois amantes? E' o que nunca se soube ao certo. Do que não ha duvida, é que Camões foi condenado a um desterro de dois anos, longe da côrte; e é mais que provavel que esta sentença fosse arrancada ao rei pelos parentes da dama, que, pela posição que tinham, deviam gosar uma grande influencia.

Foi durante o tempo do exilio que o poeta compoz a maior parte das suas rimas, egloga e redondilhas, que pela maior parte são obras-primas de graça, finura e sentimento.

Mas Camões era de temperamento ardente de mais, de caracter demasiado aventureiro, para se resignar ao exilio em Santarem, em uma inacção aborrecida. Decidiu-se, pois, a tomar parte nas lutas que Portugal sustentava contra os mouros de Ceuta, e alcançou licença para partir para Africa. Foi em uma dessas expedições, durante a sua estada em Ceuta, que recebeu no rosto uma bala que lhe tirou um olho.

Terminado o exilio, voltou a Lisboa. Mas já não era o belo Camões que fazia palpitar o terno coração das raparigas de Lisboa. Tinha-se tornado um soldado, de rosto tisnado, mutilado, de modos rudes e selvagens. Em vão se apresentou na côrte; todos lhe viraram as costas. Não só o evitaram; desprezaram-o, depois de o terem elevado ás nuvens. Com o coração ulcerado, a alma atrofiada de desgostos, ganhou o mais profundo odio a todos os que o repeliam depois de o adularem. O poeta desapareceu sob o gavaleiro, e cada dia a espada de Camões, abria algumas veias. Foi em resultado duma destas brigas que o prenderam e encarceraram. Mas cançado de lutar contra homens, que acabou por julgar indignos até do seu odio, alcançou licença para se embarcar para a India, partindo em 1553.

Foi então que começou para ele uma vida toda cheia de aventuras, de lutas, de miseria. Apenas chegado a Gôa, mandaram-o com a expedição que devia subir as margens do mar Vermelho, tomando parte no cruzeiro de Mascate. Esteve alguns anos nos Molucas, e foi por este tempo que principiou os «Lusiadas». Algum tempo depois foi para Macau, onde lhe dera um emprego de curador dos auzentes e defuntos. Os três anos que ali passou foram talvez os menos trabalhosos da sua vida; pelo menos tinha que comer. O seu poema resentese desse bemestar relativo.

Podia trabalhar com mais liberdade de espirito, e quando deixou Macau para voltar a Gôa, os «Lusiadas» estavam quasi terminados. Mas o navio em que ele ia, ele e o pouco dinheiro que penosamente conseguira juntar, e que formava toda a sua parca fortuna, foi arrojado contra a costa de Cambodge, perto da foz do rio Mecom, e Camões conseguiu ganhar a nado a praia, salvando apenas

... o canto que molhado
Vem do naufragio triste e miserando
Dos procelosos baixos escapando.

A má sorte que o perseguia reservava-lhe ainda outros infortunios. De volta a Gôa, acusaram-o de malversações durante o tempo da sua administração naquela cidade.

Foi em Gôa que Camões soube a noticia do falecimento de Catarina de Ataide, de quem tinha sido outr'ora violentamente separado, e pela qual tinha sempre conservado o culto mais respeitoso e mais terno. Saído da prisão, poucos dias gosou de liberdade. Um credor inexoravel fê-lo encarcerar de novo por uma divida de vinte mil réis. Os amigos do poeta cotisaram-se para indemnisar o barbaro agiota, e Camões, vingou-se dele em uma das suas mais belas inspirações, «O «Fios-Seccs».

Em 1527 o soldado-poeta embarcou-se para Moçambique, onde passou dois anos na mais extrema miseria, sem lhe ser possivel reunir a soma necessaria para pagar a sua passagem e voltar á Europa, e chegou a passar algumas vezes fome. Foi graças á generosidade de alguns amigos que o poeta pôde embarcar-se com o seu escravo, o fiel Jau, e tornar a ver Lisboa, ao cabo de dezesete anos de ausencia.

Em 1572 apareceu a primeira edição dos «Lusiadas», não sem que Camões tivesse de corrigir algumas passagens que a censura inquisitorial do Santo Oficio reprovara. Pela mesma epoca foi-lhe concedida a pensão anual de 15$000 réis, que nunca chegou a receber regularmente.

Retirado na sua casa da Mouraria, o coração alquebrado pela dôr moral, o corpo quasi paralisado pelo sofrimento fisico, Camões procurou ainda prender se á vida pelo trabalho; mas as forças faltaram-lhe; sentia-se vencido, como ele proprio confessa, apossado dum desgosto, duma fadiga invenciveis:

A fortuna me faz o engenho frio
Do qual já me não jacto nem me abono,
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono.

Nos ultimos anos de existencia compoz ainda, por dinheiro, algumas poesias liricas sobre assuntos que lhe davam. Nelas falava a miude dos seus infortunios; mas da sua pena não saia nunca uma palavra de queixume. Este recurso, quando não me faltava completamente, não era sequer bastante para o livrar da miseria que o cercava: era ela tamanha, que o fiel escravo ia pelo calado da noite mendigar o obulo com que matar a fome a um dos mairoes genios que a terra ha produzido. Sentindo o seu fim proximo, Camões escreveu a um dos seus amigos estas memoraveis palavras: «Vou acabar os meus dias, e toda a gente saberá então que amei tanto a minha patria, que não só me dou por feliz com morrer nela, mas ainda de morrer com ela!»

Com efeito o desastre de D. Sebastião em Africa tinha feito empalidecer a gloria de Portugal. Filipe II de Espanha punha-se á frente dum exercito para invadir a terra dos descendentes de Luso, o solo bem amado, cujos herois valentes, Camões havia cantado.

Camões morreu a 10 de Junho de 1580, isto é, no proprio dia em que as tropas espanholas transpunham a fronteira portuguesa.

Como poeta, Luiz de Camões é uma das individualidades mais salientes da Renascença, é talvez a mais completa. E' exactamente o filho dessa vasta reviviscencia filosofica que iluminou o seculo XVI. E' um dos astros mais brilhantes da larga pleiade de artistas, nascida ao mesmo tempo, berço gigantesco de genios sublimes, cujas aptidões diversas abraçaram todas as artes e todas as sciencias.

Tem-se comparado muitas vezes o poeta português a Homero, Virgilio, Dante ou Petrarcha. A comparação é cabida, mas Camões póde ser considerado mais como homem do meio em que viveu, como a personificação duma epopeia brilhante, de que ele soube fazer uma outra epopeia imperecedoura.

Todos os poetas que o precederam procuraram quasi sempre descrever os sonhos da sua imaginação. Camões conta o que viu, o que lhe aconteceu, fala de sucessos em que tomára parte. E' historiador, mas historiador em que o coração, a sensibilidade dominam. E' um narrador cujo talento não sabe fazer sobresair o discurso, que canta pela sinceridade da sua narração, que atrai pelas verdades filosoficas e morais, que esmalta com mão certeira. E sobretudo um poeta divino que põe todas as harmonias da sua lira, todas as forças da sua inspiração ao serviço de todo o patriotismo de que lhe trasborda a alma. Porque deve dizer-se, e essa é a maior gloria que a geração actual deve ter para manifestá-lo publicamente, o que Camões mais amou foi a sua patria. «o ninho seu paterno». O que deve torná-lo caro aos seus compatriotas, o que deve fazer objecto dum culto eterno, é a altura a que ele soube elevar o nome português. Os «Lusiadas» é mais do que uma perola literaria é o monumento indestructivel de bronze e aço consagrado á gloria lusitana. E' o foco de gloria imortal em que todo o português deve beber as suas crenças de futuro; é o livro santo que deve beijar religiosamente como o soldado beija as pregas da sua bandeira consagrada.

Alguns criticos acham que ha na narração demasiadas reflexões filosoficas; mas além de que Camões coloca-as quasi sempre no fim das narrativas, e por consequencia sem interromper o discurso, não vendo nisso motivo de censura. E' dever de todo o poeta encaminhar o homem para a virtude, e Camões sabe-o fazer com toda a filosofia duma alma grande, forte, inspirada nos sentimentos mais elevados.

E' com verdadeira comoção que fala a verdadeira linguagem da honra, da coragem da lealdade, da fraternidade, do amor desinteressado, do amor do proximo. Estigmatisa acremente a covardia e a intriga.

Sabemos perfeitamente que criticos eminentes, como La Harpe, Delille, Voltaire, o proprio Voltaire, fizeram do canto nono, o da Ilha dos Amores, uma critica tão violenta e tão pouco razoavel, que parece menos uma critica do que um ataque acrimonoso. Basta, porém, ler as traduções e notas desses autores, para reconhecer que traduziam e comentavam pelo que ouviam dizer, e não sobre o proprio texto, que nunca leram. Quando o abade Delille diz que a descripção da Ilha dos Amores lembra um logar de devassidão, dá mostras duma ignorancia crassa, ou duma má fé imperdoavel.

Quanto a Voltaire não póde ser mais suspeito; o autor da «Henriada» via com olhos de ciume, tudo quanto não fosse da «Henriada».

Apressamos a dizer que a critica moderna põe em relevo que Camões, conduzindo a armada dos vencedores até á Ilha dos Amores, sob a égide de Venus, de Thetis, das Graças e do Amor, não pensou enfraquecer a coragem dos guerreiros que cantava, mas sim, dar-lhes o descanço necessario depois de tantos perigos e trabalhos, antes de voltarem á Patria. A Ilha encantada não é, como pretende Delille, um logar de devassidão; é uma especie de estancia fantastica, onde os herois são coroados pelos imortais, isto é onde recebem a consagração solene dos seus feitos. Investigando com atenção na essencia de todas as criticas, criticas superficiais, porque, os autores nem sequer se deram ao trabalho de estudar e procurar a explicação das coisas, fica-se sabendo que o grande crime de Camões, para quasi todos os seus criticos é ter misturado no poema, o elemento cristão com o elemento pagão. A questão, porêm, está resolvida, desde ha muito, em favor do poeta, e madame de Stael julgou-o em algumas linhas, da maneira mais justa, e se falamos nisto, é para dizer, que o proprio Camões com tanta graça, como espirito, se explica claramente a tal respeito pela boca de Thetis, quando a deusa mostra o empyreo a Vasco da Gama. Não lhe diz que as divindades do Olimpo são seres fantasticos, de pura imaginação, nascidos nos cerebros dos poetas, que a providencia, de que Jupiter é a poetica imagem, governa o Universo, sob milhares de formas, e das quais Homero fez deuses de odio de amor, mas de que um só é verdadeiro, aquele, cuja mão potente, suspendeu no espaço todos os globos que admiramos? E se esta explicação tão clara não bastasse, poder-se-ia notar esta razão concludente: é que os herois dos «Lusiadas» permanecem sempre cristãos, nas suas acções, como nas suas palavras, e Camões só se serve do paganismo e das suas fantasias para dar côr, encanto, e um tom original ao seu quadro.

Não hesitamos em dizer que Camões, como creador, como inventor, como poeta alegorico, está á altura dos seus predecessores, senão os excede. O sonho de D. Manuel, profecia dos velhos, representando o Ganges e o Indo, a aparição do gigante Adamastor, são ficções maravilhosas, e nunca a poesia antiga ou a poesia moderna concebeu coisa mais bela, mais atraente, mais sublime.

Camões criou a lingua portuguesa conforme ela se fala ainda hoje. Elevou a pureza e a elegancia do estilo a uma altura desconhecida até ao seu tempo, e depois dele nunca excedida. O que ha de mais interessante no estudo da sua obra, é encontrar-se ai, a cada passo, o homem de bem, o homem de coração. Camões, escreve como pensa; aquela grande sensibilidade da alma, foi uma das causas dos grandes infortunios da sua vida.

Camões, foi não só um homem de coração, mas um dos maiores cidadãos que teem existido.

Maria Lellzia de Rute
(Madame Rattazzi)

1.000.000$00

Já estão á venda na antiga casa D. E. Gouveia & Silva sucessor Manuel Alves da Silva Neves. Preço por bilhete 310$00. Para a lotaria de 18 de Julho. Lotaria do Santo Antonio

— GUY D'OLIVEIRA —
ANALISES CLINICAS
Com pratica nos laboratorios dirigidos pelo Prof. Dr. Lopes Kopke
Urina, sangue, pús, expectoração, Wassermann
Ás classes menos abastadas e doentes de policlinica, preços especiaes
R. Garrett, 74-1.º Telef. C. 4186

ACABE-SE COM ESTA VERGONHA

"Em Portugal ha muitos individuos diplomados pelas escolas superiores e até nas altas esferas governativas que não se deram, ainda, ao trabalho de ler os "Lusiadas,,

afirma o ilustre professor Cordeiro Ramos

O poeta Luiz de Camões na sciencia alemã

A literatura portuguesa muito deve aos alemães que em geral bem melhor a conhecem e apreciam que os outros povos cultos, sobretudo os franceses; muito temos a agradecer, como igualmente os espanhois, á sciencia germanica, que tem revelado á Europa os mais notaveis monumentos das duas ricas literaturas peninsulares.

E' principalmente desde o periodo romantico, fecundo em obras de toda a natureza, nos dominios da filologia, critica literaria e nistoria, e filosofica, que o nosso grande épico começou a ser apreciado na Alemanha, no justo valor, no seu verdadeiro significado literario e social. Como o romantismo, os poetas setentrionais perderam muito do seu apreço, apreciaram-se em especial as paisagens ridentes do sul, e as produções espanholas ou italianas. Cervantes, interpretado com profundeza pelos irmãos Schlegel, por Tieck e Schelling, para quem o Don Quixote e o Guilherme Meister de Goethe são os dois unicos romances, dignos deste nome, abriu o culto romantico a Boccacio, Calderon e Camões. Fredericos Schlegel coloca o épico português acima de Ercilla e Ariosto; vê nos Luziadas a suprema expressão da poesia épica, em que se alia a grandeza á verdade historica, em que a imaginação se exerce no maravilhoso e ao mesmo tempo se baseia no fundo historico. «Ainda que simples na linguagem mas grave no assunto e no plano, o poema de Camões, excede bem, a seu ver, pela côr e plenitude da imaginação, a obra de Ariosto a que se atreveu a disputar a corôa de gloria. Abrange toda a poesia do seu povo; entre todos os poemas do mundo antigo e moderno não ha nenhum tão acentuadamente nacional; nunca desde Homero houve poeta tão honrado e amado pelos compatriotas como Camões. Todo o sentimento da sua patria, que logo depois dele se afundou na decadencia, encontrou expressão neste poeta genial que vale com razão por uma literatura» (Geschichte der alten und neuen Literatur. 2.ª parte. Prelecção 9.ª pag. 66-67).

Guilherme Schlegel, que com o irmão Frederico foi um dos conhecedores mais profundos de todos os tempos das literaturas estrangeiras, tendo tambem publicado uma escolha de poesias e fragmentos, extraida do italiano, espanhol e português, nas suas «Prelecções sob arte dramatica e literatura», exalta os poetas que foram simultaneamente homens de acção e de estudo, guerreiros e cortezãos e a esse proposito, cita Camões, a par de Cervantes e Ercilla. Para Tieck, o nosso poeta é uma das encarnações do espirito poetico, o brilhante companheiro de Cervantes, Godofredo de Estrasburgo, de Ariosto, Tasso, Calderon, Shakespeare e Goethe. Uma das suas melhores novelas — «A Morte do poeta» — impõe-se como um dos mais valiosos monumentos de gloria, elevado á memoria do grande português, que a letrada Alemanha sempre considerou um dos primeiros poetas das literaturas modernas. Os Luziadas são para o poligrafo alemão uma segunda «Divina Comedia», em que a patria, com os seus filhos mais valorosos é exaltada. Observando o ambito relativamente pequeno da obra, os seus dez cantos que conteem a historia do passado e do futuro, a marcha do presente, a acção dos deuses e das forças da natureza, classifica-a de uma maravilha, em que ainda fica espaço para episodios, como a comovedora tragedia de amor de Inez de Castro, tratado pela prosa da vida, o simbolo da poesia, e por isso o poema da sua existencia atribulada, como a sua genial produção literaria lhes foram igualmente fecundos. Já Feuchtersleben, procurando orientar a geração do seu tempo noutro sentido, libertando-a da hipocondria que a seu ver era uma das formas de egoismo, como a melancolia, simultaneamente preguiça do espirito e vaidade, diz na sua «Diaetetik der Seele» que Camões e Byron foram os poetas que pelos seus infortunios maiores sim-

A lei tenho daquelle a cujo imperio
Obedece o visivel e o invisivel,
Aquelle que creou todo o Hemisphorio
Tudo o que sente e todo o insensivel.
Que padeceu deshonra e vituperio,
Soffrendo morte injusta e injustivel,
E que do Céo a terra emfim desceu
Por subir os mortaes da terra ao Céo

† Joze III Patriarcha de Lisboa

A LXV estrofe do canto I
escrita pelo Patriarca de Lisboa (D. José III)

quando transparece prejudicam a exactidão da narrativa dos fenomenos da natureza Classifica-o de um grande pintor das scenas maritimas. A descrição da ilha dos amores até ao jesuita Baumgartner nas «Stimmen aus Maria Laach. 1866» pag. 93, mereceu a classificação de uma obra prima. Da profundeza filosofica das suas composições poeticas ocupa-se Hermann Suttner no artigo — — Camões poeta filosofico — inserido no programa do ginasio de Viena (1870).

Tambem no grande publico alemão, o nosso poeta não é desconhecido já de ha muito. O seu nome foi divulgado sobre tudo com o drama num acto — «A Morte de Camões» — do dramaturgo Frederico Halm, que retomando o tema de Camões, pôz de novo o problema tão querido a esta geração — o lugar do artista na sociedade. A peça, apesar do artificio da intriga, de ser difusa e escrita em linguagem empolada tem passos impressionantes, inspirados de ardente sentimento patriotico. Foi representada pela primeira vez em Viena, em 30 de Março de 1837, obtendo até 14 de Outubro de 1852 oito representações. Tambem foi levada em scena em Berlim, onde de 1842 a 1872 conseguiu vinte representações. Em Dresda representou-se pela primeira vez em 9 de Agosto de 1843.

Lembremos por fim os dramas de Uffo-Horn (1839), Hermann Shmid (1843) e o curioso romance em verso de Rudolfo Bunge que se inspira sobretudo da lirica do poeta, traduzida por Guilherme Storck, a primeira autoridade em estudos camonianos ao qual Portugal já rendeu a devida homenagem pela pena do meu sabio collega, Doutor Leite de Vasconcelos.

Em Portugal, felizmente, o grande épico mereceu a atenção dos eruditos que lhe teem consagrado valiosos estudos, sendo no entanto de lamentar que nas nossas duas Faculdades de Letras, de Coimbra e de Lisboa, não haja cursos especiais obrigatorios, consagrados ao grande épico, para cuja regencia estão naturalmente indicados os grandes mestres de reputação europeia nestes assuntos; a Senhora Dona Carolina Michaelis de Vasconcelos e o sr. Doutor José Maria Rodrigues. Assim como em todas as Faculdades das artes inglesas ha sempre um ou mais cursos sobre Shakespeare, e nas Faculdades de filosofia alemã varios cursos são feitos anualmente sobre Goethe e em especial sobre o «Fausto», não se admite que entre nós não exista uma cadeira privativa sobre Camões. Evitar-se-ia a vergonha de haver muitos individuos diplomados pelas Escolas Superiores e até, estou certo, nas altas esferas governativas que não se deram ao trabalho de ler os Luziadas.

Por isso repetirei com Tieck: «O português mais digno é o que melhor souber compreender o poema de Camões».

Gustavo Cordeiro Ramos

«O poema português acentua Tieck, como obra de arte, em que se glorifica a luz mais bela, como o bom e o divino, não é inferior ás produções de Rafael e Buonarrati, de Ticiano, Antonio Aleggri, á grande cupula da catedral de Parma. Camões, pela doçura do verso e da linguagem excedeu Dante, Lucano, Statius, Boccacio e Ercilla. O seu livro representa a nacionalidade; delle rescendem animo e patriotismo, coragem e amor, nelle se encontram sempre frutos e beleza. Os vindouros teem sempre que aprender nesse poema, onde irão procurar conforto para as suas desditas, energia para novas emprezas».

O filosofo Fichte que desempenhou papel tão importante na unificação do imperio alemão, aprendeu o português para ler os Luziadas, tendo vertido para a sua lingua a estancia 118 do canto III. Os romanticos alemães viam em Camões, duramente patiaş inspiraram nos meios literarios do seu tempo. Ainda Henrique Scherer conta que «o insigne poeta e Vergilio Luzitano, Ludovicus Camoens, ludibriado pelos vai-vens da fortuna e perseguido por todo este mundo, morreu afinal na sua patria pobre e miseravelmente» (Cfr. Atlas novus seu Geographia Universalis).

Entre os admiradores alemães do poeta português devo citar como dos mais notaveiso dr. von Reinhardstaettner que na sua Historia da literatura portuguesa, aprecia entusiasticamente o grande épico, como um dos primeiros poetas da humanidade, referindo tambem a opinião de Bouterwek e de Alexandre de Humboldt que, no seu «Kosmos», com a sua autoridade scientifica confirma que nos passos descritivos dos Luziadas, nem a inspiração do poeta, nem a sua linguagem cuidada, ou a doce melancolia que de quando em

FONSECAS, SANTOS & VIANA
BANQUEIROS
Estabelecidos em 1861
RUA DO COMERCIO, 116 a 132
Telegramas. SANVISE-LISBOA

OS MODERNISTAS

Historia

DA HORA CAMONEANA

segundo

Antonio Ferro

Antonio Ferro, extranha sensibilidade de artista, que na «Leviana», na «Arte de bem morrer», no «Gabriele d'Annunzio e Eu», nas «Grandes tragicas do silencio» e tantas outras obras de acentuado cunho modernista marcou a golpes de audacia uma individualidade clamorosa, fez no Brasil uma interessante conferencia da qual pubucamos os seguintes trechos:

Eu não tenho talvez o direito de pronunciar o nome de Camões. Eu sou um homem do meu tempo um homem que não tem tempo de ser passado, um irreverente que, menino ainda, anarquisou os episodios dos «Lusiadas» nos exercicios escolares, cuja alma curiosa trauteou o canto nono como uma cantiga de amor, eu sou aquele homem que jurou a si proprio, pela sua fé, dar vinte anos a Portugal, proclamar a mocidade na nossa terra velhinha... Entretanto, o encargo de falar nesta comemoração, não me pesa. Eu julgo que sou um discipulo de Camões. Disse um escritor francês cujo nome já não tenho presente: «Só ha uma forma de imitar os nossos antepassados: sermos do nosso tempo como eles foram do seu». E' essa, minhas senhoras e meus senhores, a minha unica afinidade com Luiz de Camões.

... ...

Como Camões cantou a sua Hora, eu canto a minha, a minha Hora dinamica, a minha Hora motora, a minha hora de azas e de guindastes. Hora em que a dissonancia é o unico ritmo, hora olimpica de vôos e de quedas... Eu canto os comboios — granadas de velocidade, eu canto os automoveis — os animais ferozes da civilisação, eu canto as maquinas agricolas, — ironistas da terra, eu canto as «lynotipes» — as mulheres de letras da mecanica, eu canto as rotativas — as grandes mãos da Imprensa, eu canto os paquetes imensos — somas da vida moderna — e eu canto tambem (porque não hei de dizê-lo?) a mulher a mulher artificial, como uma maquina, como um engenho, a mulher que se pinta, a mulher que se mata, que se mata em sedas e tintas, e resuscita outra mulher...

... ...

Ser de ontem é ser desleal com o passado, é plagiá-lo, roubá-lo... Eu quanto mais admiro mais longe estou. O crente, quando reza, não se coloca no altar ao lado da imagem...

... ...

Camões tambem resuscitou, ancioso por fixar, num «post-scritum» aos «Lusiadas», este minuto unico da nacionalidade. Não poderá realisar o sonho porque a morte não perdôa, porque a morte não lhe consente, por muito tempo, a sua presença na vida. Mas que julgem? Se Camões pudesse, acaso, cantar o grande feito, supõem que ele o faria, á maneira antiga, na toada vergiliana dos «Lusiadas»? Julgar tal será negar-lhe o genio. Eu sei, eu sei com que vôo Camões cantaria esse vôo... Ele abandonaria o decassilabo solene e pausado, pelo verso livre, pelo verso inquieto o verso que tivesse o movimento astral do avião, o verso que subisse e que descesse sem preocupações nem receios... Ele substituiria o ritmo grandiloquo e solene das suas estrofes supremas, pelo ritmo sonoro e trepidante dos versos sem medida premeditada... No seu poema onde haveria a ondulação do mar, a ondulações do Atlantico, os aviões mutilados tombariam como rimas, como rimas imprevistas... As citações, as evocações não tomariam mais espaço ao maior poeta de Portugal. Ele não teria tempo de citar nem de evocar, ele só teria tempo de voar.

Dr. Cordeiro Lobato

Garganta — Nariz — Ouvidos

Das 4 ás 6 — Chiado, 36, 2.° — Tel. C. 5029

UMA FRASE DE BACON

Regresso

A CAMÕES

O culto camoneano alentou sempre o espirito nacional nas horas dificeis da Patria

Francis Bacon escreveu lapidarmente: «Pouca sciencia afasta de Deus, muita sciencia reconduz a Ele.» E assim a alta cultura moderna e aquela dificil sciencia, em que todos temos de fazer o aprendizado, sem beneficiar das conclusões alheias, a sciencia da vida, estão-nos dia a dia a apontar novas rasões de crêr.

Paralelamente—releve-se-me a desproporção, porque ha no culto camoneano alguma coisa de espiritualidade religiosa—paralelamente, pouca literatura afasta de Camões, mas muita literatura faz-nos regressar a ele. E' preciso empapar a nossa mente de literatura e chegar a uma mais justa noção dos valores literarios e a uma requintada sensibilidade receptiva, para poder medir as excelsitudes desse genio poetico.

Pouco se sabe dele, como de Shakespeare, nem sequer a data segura do seu nascimento, mas isso é para mim uma das maiores seduções do seu genio. A sua obra paira na esfera transcendente dos imortais tesouros, que a alma humana, «raio animado duma luz celeste», cria sob a aza da graça diviva.

E isso é uma sedução, porque quando regressamos a Camões, não voltamos á discussão do involucro imortal dessa alma sem par, da sua peregrinação pela terra; tornamos á obra, só á obra, ao seu lirismo e á sua epopeia.

—Regressar a Camões?

Sim, agora ainda e sempre. Nunca se esgotará o tesouro de requintadas emoções que é o seu lirismo, compendio e enciclopedia de amor, de todos os seus arroubos e transportes, de todas as suas delicadezas e vibrações intimas, dos seus infortunios; nunca os seus acentos de inflamado patriotismo, os seus hinos á gloria de vencer enrouquecerão! E os homens, que sofrem e pensam na doce lingua dos *Lusiadas*, sempre mais

gratos regressarão á sua lirica incomparavel e á sua epopeia, os meditativos, que no isolamento e na vida interior se comprazem, e os que amam a acção e a vitoria.

Agora que a civilisação em perigo ante a incultura moral, a dos barbaros raros, parece reclamar a rehabilitação do heroismo e aladas aspirações ideais, novas rasões se levantam para amar aquele que melhor cantou a fé que não desfalece, a perseverança na luta, a certeza de vencer, com um alto pensamento e um grande sonho por guias.

Ao lirismo e á epopeia de Camões devemos pedir o que mais falta nos espiritos de hoje, de minguada fé, e uma vez mais poremos á prova a magia dos seus versos.

O culto camoneano foi calor bemfazejo que acompanhou o espirito nacional em momentos agudos. Camoneanista foi João Pinto Ribeiro, um dos promotores da Restauração de 1640; camoneano foi o ambiente patriotico no primeiro quartel do seculo XIX, quando se combatia contra o estrangeiro e por um ideal, com o Morgado de Mettheus, Domingos Bomtempo, Domingos Sequeira e Garrett, a erudição, a musica, a pintura, a poesia...

Fidelino de Figueiredo

FALA A HISTORIA

Camões

E QUAIS ERAM OS SEUS

amigos e inimigos

Entre os numerosos poetas do seculo XVI apareceram bastantes individualidades que reconheceram a superioridade de Camões, e declararam-se amigos do homem de genio como um titulo de honra; assim encontramos um Antonio de Abreu, um Luís Franco Correia e um Diogo do Couto. O primeiro diz-se «amigo e companheiro de Camões no Estado da India»; o segundo escreve: «Companheiro em o Estado da India e muito amigo de Camões; o cronista fala nele na decada VIII com as palavras «meu matalote e amigo».

Camões teve relações pessoais de boa intimidade com outros poetas quinhentistas, tais como Antonio Ribeiro Chiado, D. Manuel de Portugal, André Falcão de Rezende, D. Antão de Noronha, Estacio de Faria, D. Francisco de Portugal, Jorge da Silva, Heitor da Silveira, D. Simão da Silveira, Fernão Alvares d'Oriente, Bernardo Rodrigues, D. Leoniz Pereira, licenceado Manuel Correia e D. Gonçalo Coutinho.

Os poetas inimigos de Camões eram capitaneados pelo mediocre versificador Pero d'Andrade Caminha, a quem se aliaram Jeronymo Côrte Real, Diogo Bernardes, e ainda alguns outros, que aceitaram mercês de Filipe II, quando se apoderou de Portugal.

Teofilo Braga.

No Salão Foz

mais uma estreia

Mais uma estreia se anuncia para hoje no Salão Foz, a da graciosa «pareja de bailes modernos» Mary Luiss. O exito obtido pela gentil coupletista Lili Molina na sua primeira apresentação, dia a dia se tem confirmado. Isto demonstra quanto o nosso publico aprecia e sabe premiar os artistas de verdadeiro merito. Florences y miss Selika nos seus surpreendentes jogos de prestidigitação, Aixa y Francis, nas suas tonadilhas, concertos de xilofone e concertina, ventriloquia e «jazz-band» comico, continuam mantendo os seus lugares de afamada e indiscutivel atracção.

"Tragedia de amor"

Hoje, nos «écrans» do Salão Foz e Chiado Terrasse, projecta-se, pela primeira vez, o «film» de arte nacional em 5 actos, «Tragedia de amor», argumento e enscenação do actor-professor Antonio Pinheiro. Neste «film» um dos mais perfeitos da nossa cinematografia, tanto pelo pitoresco das suas scenas, como pela sua emotiva intensidade dramatica, teem papeis de grande destaque, além do eminente actor-professor, as distintas artistas: Alda Azevedo, Emilia de Oliveira, Adelina Fernandes e o actor Julio Cunha.

APOLO

A's 9,30 Tel. N. 4129

A unica revista-fantasia, na actualidade

FRUTO PROIBIDO

12 quadros maravilhosos

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 130

CAMOES UNIVERSAL

A PRIMEIRA ESTROFE

do episodio "Inez de Castro,,

extrahida do canto terceiro de "Os Lusiadas,,

TRADUZIDA EM DEZ LINGUAS

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruito
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito.
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome, que no peito escripto tinhas.

Agnes de Castro

Latim
tradução
de
Fr. Tomé de Faria

Ecce quiescebas Mondae pulcherrima ripis
Aetatisque tuae captabas dulcia fructus
Praemia, (sed multum requiescere gaudia vitae
Non patitur fortuna ferox) tua lumina Mondae
Stellati ripas lacrymis, et fletibus augent,
Principis et Petri gratum tibi nomen, et alta
Fixum mente manens manifestas montibus, herbis,
Floribus atque rosis, hyacinto, albisque ligustris.

Ines de Castro

Holandez
tradução
de
Willem Bilderdijk

Aanminnige Ines mocht den zoeten voorgenr smaken
Van de eerste bloem der Jeugd, ontluikende op haar kaken,
In die bedriegbre hoop, die kalme vreugd van't hart,
Die't wreevle Lot niet duldt dan tot verzwaar van smart.
Mondegoos frissche stroom zag in zijn vruchtbre dalen
Haar schoon en teder oog langs beemd en heide dwalen
Terwijl zy't steil gebergt'en de echoos om haar heen
Den naam herhalen leerde, in't minnend hart gesneên.

Ines de Castro

Hespanhol
tradução
de
Don Lamberto Gil

Estabas, bella Ines, puesta en sosiego,
y el dulce fruto de tu edad cogias,
con un engaño de alma alegre y ciego
que habia de durar mui pocos dias.
En la florida vega de Mondego,
que regar con tus lágrimas solias,
le hacias repetir al monte y prado
el nombre que en tu pecho está grabado.

Inez de Castro

Sueco
tradução
de
Nils Lovén

Du täcka Inez! gick så lugnt och stilla
Din lefnadsväg, af ungdomsglädjen banad;
Du lefde lycklig i din drömverlds ville,
Der hvarje fröjd, men ingen sorg var anad;
Greps du af längtan, gick du, att den stilla
Ut i Mondegos ängd, för kärlek danad,
Och berg och dal det kära namnet lärde,
Som var ditt hjertas skatt, din lefnads värde.

Inez de Castro

Italiano
tradução
de
Felice Bellotti

Tu, bell'Ines gentil, tranquilla e queta
Tuoi begli anni godevi in quella cara
Illusion dell'anima, a cui vieta
Lunga durata la fortuna avara.
Mira degli occhi tuoi la consueta
Luce il Mondego, e da te il monte impara
E il piano a replicar quel che nel petto
Porti scritto d'amor nome diletto.

Ines de Castro

Dinamarquez
tradução
de
H. V. Lundbye

I Roligbed Du, skjonne Ines, smiler,
Din Ungdoms fagre Frugter Du afplukker,
I glade Tryllerier Du heniler,
For hvilke Skjœbnen snart Dit Oje lukker;
Dit lœngselsfulde Hjerte aldrig hviler,
Du i Mondegos Egne for ham sukker,
Med Omhed hvert et Bjerg, hver Dal Du lœrte
Det Navn, som stedse gjemtes i Dit Hjerte.

Inez de Castro

Francez
tradução
de
Duque de Palmela

Au sein d'un doux repos, brillante de jeunesse,
Belle Inez, tu cueillais les fruits de ton printemps,
Dans cette erreur de l'âme aveugle enchanteresse,
Que la fortune helas! n'épargne pas longstemps:
Auprès du Mondego, témoin de ta tendresse,
Et dont les pleurs encore grossissent les torrents,
Tu répétais sans cesse au mont, à la prairie,
Le nom, que dans ton cœur fut gravé pour la vie.

Inez de Castro

Hungaro
tradução
de
Greguss Gyula

Béken valál szelíd Inez, s nyugodtan,
Ifjú korodnak mézgyümölcsin élve,
Lelkd vidám álmokba ringatottan,
Miket a sors korán lebbente félre!
S Mondégo partján, hol a hüs habokban
Még nem találni könnyed özönére,
Hangoztatád virányon és berekben
Annak nevét, kit örzel hü szivedben.

Ignez de Castro

Inglez
tradução
de
Edward Quilinan

Beautiful Ignez, from the world apart,
In swett fruition of thy youthful years,
While soft Mondego as he stole athwart
Thy path was brighten'd wite thy happy tears,
Trusting that dear illusion of the heart
Which soon by Fortune's malice disappears,
Thou wert in whispers teaching hill and grove
The name engraven in thy breast by Love.

Ignes de Castro

Bohemio
tradução
de
Bog. Pichla

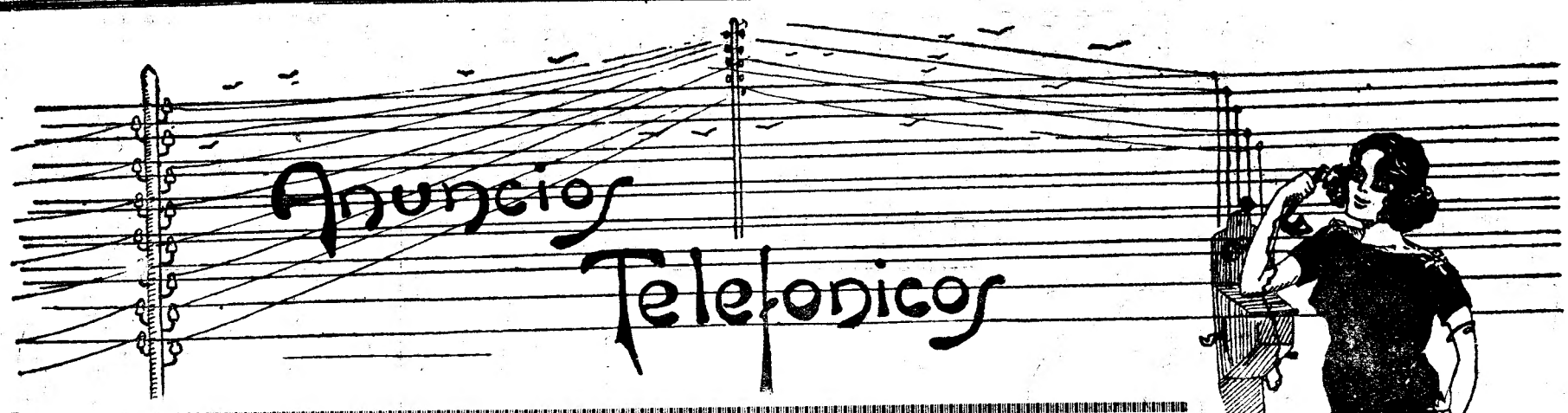
Ignácio, tys zila dny pokogné,
Sladkym se kogjc owocem mladosti,
W té srdcj salbe tiché a opogné,
Gjz osud dlauhé neprege stálosti;
Na kwetnych brezjch Mondega, gegz hogné
Twych slzj toky chránily suchosti,
Po auwalech a horách zwestowalas
To gméno, gez we srdce swé zapsalas.

TEATRO SÃO LUIZ
Todas as noites, grande exito
A opereta portuguesa, em 3 actos, original de SILVA TAVARES, musica de FILIPE DUARTE
A Lenda do Templo
Protagonista: AUZENDA DE OLIVEIRA

Eden-TEATRO
HOJE — A's 21 horas
A colossal magica de Eduardo Garrido
A PERA DE SATANAZ

AVENIDA Telefone 4956 N.
ULTIMAS REPRESENTAÇOES
pela Companhia Satanela-Amarante
de que faz parte Nascimento Fernandes
da famosa opereta,
que sai de scena em pleno exito
Miss Diabo

=POLITEAMA=
Emp. Luis Pereira Telef. 3028 N.
COMP.ª PEY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
Ás 21,30 — A representação da engraçadissima comedia, notavel exito da companhia
A DOMADORA
3 ACTOS DE GARGALHADA



Perfumarias e modas

N 2673 Perfumaria **'Rosa d'Ouro'**

279, Rua Aurea, 281

C 1715 **Perfumaria da Moda**

Especialidade em produtos de belesa

5, Rua do Carmo, 7—LISBOA

C 105 PERFUMARIA MENDONÇA

A mais antiga casa na especialidade

43, Calçada do Combro, 47

C 2940 **Damião & C.ta**

Especialidade em «toilettes» para creanças

57, Rua Garrett, 59

N 1919

ABEL NATAL

Leilões

ROCIO

93, 1.º

Chapeus e artigos de luxo

C 4141 Robes, Manteaux e Tailleurs

A mais chic alfaiataria de Lisboa

Pinto & Silveira, L.da

145--RUA DO OURO--149

C 982 Casa Mimoso

: CHAPEUS PARA SENHORA :

Modelos de Paris

Rua do Ouro, 127, 131

C 3908 **Salão Modelo**

SEMPRE NOVIDADES

A mais «chic» casa de chapeus

82, RUA NOVA DO ALMADA, 84

N 5015 **Salão Mimoso**

Novidades

Rua Augusta, 282

C 5197 OURIVESARIA ANIBAL TAVARES JOALHERIA

SEMPRE NOVIDADES EM JOIAS E PRATAS ANTIGAS

97, R. da Prata, 97

C 266 **Camisaria Aurea Casa Modelo**

—RUA AUREA—

N 3076 **"O Capricho"**

PARAIZO, L.DA

E' A CASA QUE MAIS BARATO VENDE OS — ARTIGOS PARA SENHORAS E CREANÇAS —

Rua S. Pedro de Alcantara, 63, 1.º

C 1444 **Nova Sapataria da Moda**

Victor Gomes & Pedroso

O calçado mais «chic» de Lisboa

Rua Augusta, 108

C 1100 **Sapataria Lisbonense**

João da Silva, L.da

Pedimos a atenção para o excelente calçado desta casa

202, RUA AUGUSTA, 204

N 3154 "A Portugal"

DEPOSITO N.º 3

:--: OPTIMO CALÇADO :--:

ROCIO, 122

Alfaitarias e diversos

Norte **3076**

Está lá?... Olha! Para seres elegante deves vestir da

ALFAIATARIA SMART

R. S. Pedro d'Alcantara, 65

C 2200 **Salão Cristal**

David & Benjamim

Mestre de corte Benjamim

R. Augusta, 131 a 135

N 4546 João Barroso, L.da

Alfaiataria

Optimas confecções e preços

ROCIO, N.º 93, 1.º

C 881 **ELYSEU & SARAIVA, Ltd.ª**

ALFAIATES-MERCADORES

Fazendas nacionais e estrangeiras

Rua da Prata, 103, 2.º

N 3695 **Alfaiataria Francfort**

Instalações provisorias na

Rua Arco Bandeira, 173, 3.º

Direcção tecnica a cargo de J. C. Madeira

N 2124 GOMES FERNANDES & FERREIRA

PREMIADOS: Milão em 1920, Rio de Janeiro 1923

Rua Escola Politecnica, 65 a 71

N 3695 **J. C. Madeira**

Alfaiate

Participa aos seus Ex.mos clientes que continua a receber as suas ordens na **RUA ARCO BANDEIRA, 173-3.º** ou pelo telefone.

N 517 **"BUICK"**

O melhor carro americano da sua categoria

C. S. DIAS DE FIGUEIREDO & C.ª

Rua Rodrigues Sampaio, 21-25

N 2699 **ELECTRIGIA**

RUA DE SANTA JUSTA, 87

Não tenho telefone, porque toda a gente chic sabe que a

Sapataria Contente

é na

R. Nova do Carmo, N.º 74

Hoteis, trens e autos

N 3658 Grande Hotel d'Inglaterra

AVENIDA

Telegramas: Inglotel

Ascensor **Aquecimento**

N 4230 **Hotel Americano**

Cecilio Fernandez & C.ta

—RUA 1.º DE DEZEMBRO, 73—

N 3882 HOTEL INTERNACIONAL

Rua da Betesga

Esquina R. Augusta ROCIO

N 5064 **Grande Hotel Portugal**

Sistema americano

Telegramas: GRANDOTEL — LISBOA

Rua da Betesga, 12

N 1872 **Bernardino Pinto, Filhos, Limitada**

Estabelecimento de **trens e automoveis de aluguer**, serviço permanente a preços razoaveis

7-B, R. Arco do Cego, 7-B

N 35 **=AUTOMOVEIS=**

Companhia de Carruagens Lisbonense

L. de S. Roque

C 1611 **SALÃO DE NOVIDADES ALEMÃS**

Maquinas para todas as industrias — Automoveis das marcas: DIX, PRESTE e BRENABOR

Rua Serpa Pinto

Dr. Amandio Pinto
Cirurgia geral — Doenças das senhoras
Avenida da Liberdade, 134
Telefone N. 4712 Das 4 ás 6

ESTRANGEIRO

Salão de Antiguidades, L.da
Moveis e adornos mobiliarios
Rua de D. Pedro V, 37
Largo Trindade Coelho, 6-1.º
Telefone N. 4245

DE LONDRES

A Russia vai aderir á Liga das Nações para facilitar negociações futuras?

LONDRES, 4

Os jornais fazem comentarios favoraveis ácêrca do reconhecimento da Russia. O «Observer» congratula-se com o governo por ter feito o que devia e pela fórma que devia. O governo não esperou por soluções da diplomacia, em geral demoradas, dando uma clara demonstração de boa vontade. Espera-se que a Russia adira á Liga das Nações, o que facilitará negociações futuras.

O «Sunday Times» diz que o primeiro ministro procedeu acertadamente e com o espirito de um verdadeiro estadista, ligando a questão das relações officiais com a de resolução das questões anglo-russas pendentes. E' claro que a menos que os actuais dirigentes da Russia não correspondam a esta benevolencia e se esforcem por negociar um accôrdo leal e sincero.

O simples facto do cargo de agentes e representantes ser substituido por embaixadores nada representa. O valor do reconhecimento repousará no Tratado que se vai negociar. — (R.)

Kameneff e o novo governo inglês

LONDRES, 4

Kameneff discursando no conselho dos comissarios do povo, disse que os «soviets» não deviam ter ilusões por motivo da subida dos trabalhistas ao poder porque estes tinham que governar não só com os operarios mas tambem com os liberais. A'cerca da França o governo russo esta disposto a discutir os problemas economicos pendentes cuja falta de solução prejudica os dois países mas sem deixar que a França arreste aos soviets vermelhos as conquistas ideais que conseguiram com o seu sangue. — (R.)

Dominou-se a revolução mexicana

LONDRES, 4

Dizem do Mexico que a revolução está dominada e que o general Huerta provavelmente abandonaria o país.

O senado mexicano aprovou após dois meses de abstencionismo, os tratados com os Estados Unidos. — (L.)

Incendio numa fabrica de papel

LONDRES, 4

Um formidavel incendio destruiu no sabado á noite uma das mais importantes fabricas de papel de Birmingham, sendo os prejuizos avaliados em muitas centenas de milhares de libras. — (L.)

!! Mobilias de graça !!

Podem obter comprando nos armazens da **Rua Martens Ferrão, 20,** esquina da Avenida Fontes Pereira de Mello, a prestações, uma vez que dentro do prazo do seu contracto angariem novos compradores, usufruindo 10 0/0 de comissão. Mobilias de optimo acabamento e aos melhores preços do mercado. As prestações vencem juros de 12 0/0 ao ano.

INTERCAMBIO MENTAL

OS POETAS DE ESPANHA cantam a gloria de Luiz de Camões

Bom sinal, que se regista com o prazer resultado desta feliz constatação: a Espanha mental do nosso tempo afirma-se dia a dia mais justiceiramente conhecedora do valimento português.

Dizem no-lo o entusiasmo de sinceridade com que se procura corresponder, de lá para cá, ao estreitamento das relações intectuaes luso espanholas; o interesse sempre crescente que a nossa vida literaria esta despertando no país visinho; e, a par de mil e um factos de lealdade, a atitude gentilissima dos poetas hespanhoes para com o vate nacional da Lusitania, nesta emergencia em que se celebra a maior gloria literaria da nossa raça.

Mais ou menos, toda a imprensa hespanhola se tem referido ao epico imortal cujo aniversario, com rigor historico ou sem ele, se comemora ámanhã.

«El Liberal», de Madrid, sob o titulo «Homenaje de los poetas españoles al vate nacional de Lusitania» tem, pela sua parte, colaborado de maneira notavel na celebração, inserindo nas suas paginas, em numeros sucessivos, composições que são outras tantas obras primas da moderna poesia hespanhola.

Destacamos para este logar o trecho que vai ler-se e que é devido á previlegiada inspiração de Marquina, um dos poetas de mais merecido renome da Espanha contemporanea:

— Portugal, tierra occidental
de «saudades» y melancolía,
tu curazón languidecia
de frío mortal,
y él te trajo la hoguera que habia
de encendertelo, Portugal.

Portugal, declinabas doliente
como el sol, buscando en tu mar
descanso y muerte juntamente;
él habló y te enseñó a encontrar
tu equilibrio en Oriente.

Portugal, Benjamin de Europa,
vacilabas mirando el camino
sin moverte, aristócrata, fino
y débil... —; pero él, en la copa
del Asia, te trajo tu vino.

Portugal, corrosivo tesoro
de tu vida, en tu cielo es la hora
del ocaso, que canta y que llora,
y él te trajo en sus versos el oro
de una nueva aurora.

Moribundo, te dijo un día:
«¡Muero contigo, Pórtugal!»
Y no mintió; puso al final
de su canto una profecía:
«¡Eternamente, Portugal,
vivirás de su poesia
como él, y por él, inmortal!»

E. Marquina

AUTOMOBILISMO

Hoje vamos falar do Carburador, que é o orgão essencial d'um automovel e que prende especialmente a atenção do automobilista. Com um bom carburador pode se empreender as maiores jornadas e as mais ingremes ascenções sem temer precalços. E' necessario que um carburador seja pois seguro, docil, simples e robusto, afim de se poder *contar com ele* em todas as circunstancias.

Ninguem nos desmentirá, se afirmarmos que sómente o Carburador SOLEX reune todas estas condições e além disso tem a grande vantagem de consumir menos. *Qual a razão* pois, que fez triunfar o Carburador SOLEX em França e no estrangeiro em todas as provas mais importantes do ano, quer se tratasse de velocidade, resistencia, turismo, altura e consumo, conseguindo todas as victorias interessantes e diversos records? *Qual a razão* porque a Sociedade SOLEX aumentou a fabricação em proporções sempre crescentes? Não pensemos em enfastiar os nossos leitores com um pouco de estatistica; pelo contrario temos a certeza de lhes sermos uteis levando-lhes ao conhecimento, pois que encontrarão a prova irrefutavel que os encorager a mandar colocar no seu carro um SOLEX e que nos agradecerão. Em 1913 sómente 7 0/0 dos construtores tinham adoptado o SOLEX, em 1919 já 15 0,0, e 36 0/0 em 1922, para chegar ao magnifico sucesso do ultimo SALON, onde mais de 50 0/0 dos vehiculos expostos estavam equipados com o SOLEX.

Que meios emprega pois SOLEX para obter taes resultados? SOLEX tem horror a todas as complicações que, muitas vezes, encobrem as imperfeições. SOLEX sabe que 3 é o triplo de 1; SOLEX compreendeu que os seus clientes querem servir-se do automovel para andar e não para estudar; emfim SOLEX apezar de ventos e marés, ficará simples... mui simplesmente... com o seu simples difusor. Este aparelho, tão simples e preciso, é o unico que se pode desmontar sem chaves especiaes, o que torna a sua montagem e regulação o mais facil. Numa palavra SOLEX é o melhor amigo do automobilista, tanto em viagem como em corrida, e este precioso Carburador aumenta o prazer de guiar e diminue as contas de gasolina.

Toda a gente em Portugal sabe presentemente que o representante no nosso paiz do Carburador SOLEX é o «COMPTOIR FRANÇAIS D'ACCESSOIRES» de Lisboa, Rua das Pretas, 33, que tambem se podia cognominar «A CASA DAS MELHORES MARCAS»

UMA FIGURA

A morte de Wilson e o que escreve a imprensa alemã sobre a sua politica

BERLIM, 4

Os jornais de Berlim referem-se, longamente, á morte do ex-Presidente Wilson, fazendo especial menção do papel fatal desempenhado por elle com a Alemanha, a qual, confiada nos 14 pontos, depoz as armas, da que resultou toda a miseria em que se encontra. Stresseman disse, no discurso ontem pronunciado em Stettin, que «a confiança da parte do povo alemão em Wilson foi a sua perda na politica externa».

O «Lokal Anzeiger», faz ressaltar que elle era um idealista menos poderoso do que Lloyd George e Clemenceau, politicos praticos. Acrescenta que nunca um homem tão indigno ocupou a presidencia dos Estados Unidos. «Wilson — diz — especulou sobre a ignorancia dos americanos ácerca da politica europeia, para os arrastar, traiçoeiramente, á guerra; obrigou o povo alemão, já cançado, a aceitar uma paz de escravidão, verdadeira continuação da guerra. — (L.)

A opinião dos jornais belgas

BRUXELAS, 4

Os jornais belgas traçam, em longos extractos, a carreira politica do ex-presidente Wilson, falecido, referindo-se especialmente ao papel por ele desempenhado no «après-guerre». Lembram, com gratidão, que ele contribuiu largamente para o abastecimento de viveres da Belgica durante a ocupação. — (L.)

Poincaré envia pesames

PARIS, 4

Poincaré enviou os pesames a madame Wilson, e dirigindo-se ontem, á tarde, a jornalistas americanos, disse que a França nunca esquecerá que os Estados Unidos, sob a direcção de Wilson, trabalharam para a liberdade entre os povos civilisados. — (L.)

Coliseu dos Recreios
HOJE — ás 21 horas (9 da noite)
ESPECTACULO DA MODA

ESTREIA dos notaveis gladiadores equilibristas de força
ANGEL BROTHERS
e de um novo cavalo em alta escola apresentado por
M.elle Othilia Orlando
REAPARIÇÃO, a pedido geral, do sensacional numero
BÓLIDO HUMANO
e dos arrojados ginastas em duplo trapezio
Elvira Trude e Partner

AMANHÃ:
Grandiosa matinée
PROGRAMA SURPREENDENTE

FANNY
A mais antiga fabrica de COROAS e FLORES artificiais
PRAÇA RESTAURADORES, 71 — Telef. N. 3861

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO 140

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
£/Londres, cheque	=	1 45/64
£/Paris	=	1$51.8
£/Madrid	=	4$17,1
£/New-York	32$40	32$47,2

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
£/Holanda	=	12$26,9
£/Suiça	=	5$66.4
£/Brasil	=	3$68,9
Libra esterlina	155$00	160$00

O 10 DE DEZEMBRO

Traição

no directorio

do Partido Radical?

Um pedido

do capitão Sousa Guerra

O capitão sr. Sousa Guerra, membro dos mais categorisados do Partido Radical, assistiu, já se vê, ao Congresso do Porto. Por alturas da terceira sessão, o conhecido oficial, que se encontrava, fardado, numa frisa do teatro Carlos Alberto, pediu a palavra para declarar que tinha um assunto importantissimo a tratar. Mas só em sessão secreta se ocuparia do caso — acrescentou — explicando que a tanto obrigava a gravidade das declarações a fazer. O que seria? O Congresso não se resolveu pelo segredo que se lhe pedia; e assim, toda a gente deu logo em congeminar que andavam coisas serias no ar.

Que seria? Ninguem como o proprio sr. Sousa Guerra poderia dar noticia exacta do caso; mas o sr. Sousa Guerra tinha posto a condição da sessão secreta...

O jornalista aventurou-se. A's vezes... quando menos se espera... surge um factor novo a proteger-nos no cêrco ás reservas dos entrevistados... Vamos lá a vêr...:

* * *

—O capitão talvez pudesse dizer...

—Não posso; não posso. E' um caso...

—Grave?

—Eu reputo-o fundamental para o meu partido.

—Questões internas?

—Não sei, não sei, não lhe posso dizer nada. E' um caso de... roupa suja com o qual a imprensa não tem que preocupar-se.

—Mas...

—Escusa de insistir; é-me impossivel...

—Bem. Não se fala mais nisso. E' que já correm p'r'aí uns zuns-zuns...

—Sim? Então o que é?

—Boatos... Diz-se que o capitão queria o apoio do Congresso para fazer uma revolução...

—O quê? Dizem isso? Desminta! Desminta! Gosto das coisas muito claras.

—Não é o que p'r'aí corre...

—Ah! ele é isso? Pois então ponho tudo em pratos limpos!

—Veja lá; não se comprometa...

—Não ha compromissos. Ha a verdade nua e crua.

—Então?

—Tenho informações de que alguns membros do Directorio do meu partido traíram o ultimo movimento revolucionario.

—Como?

—Havia quem estivesse combinado com os democraticos e quem tivesse combinações com o Cunha Leal, para se fazer uma revolução.

—Não será erro de informação?

—O sargento Marmelada declarou em pleno Congresso que alguns membros do Directorio concorreram inocentemente para a traição desse movimento.

—O capitão estava...

—Comprometido?

—Sim?

—Posso garantir-lhe sob palavra de honra que nunca ninguem me falou, sequer, em tal.

—Falava-se no seu nome...

—Nesse dia estava eu de serviço á minha unidade, embora se dissesse que estive em Lisboa de botas enlameadas.

—Porque não teria o Congresso consentido a sessão secreta?

—Não sei; não comprecendo...

Agressão á facada

Na doca do Jardim do Tabaco, o descarregador Abilio Cardoso, beco da Formosa, agrediu esta manhã, com duas facadas, uma no braço e outra no quadril, o encarregado Americo Ferreira, que recebeu curativo no hospital da Marinha.

O faquista foi preso, tendo declarado á policia que cometera o delito em consequencia do Américo não lhe querer dar trabalho.

A GREVE TELEGRAFO-POSTAL

Um milhão

DE CARTAS

e 4.500 telegramas

estão retidos

só na estação Central de Lisboa

A «greve passiva» dos telegrafo-postais, iniciada na madrugada do dia 1 está causando extraordinarios prejuizos.

De lamentar é que se tenha deixado chegar a questão a tais extremos. E ainda mais de lamentar é que, declarada a greve, não se tomem providencias tendentes a fazê-la terminar rapidamente, evitando assim que o publico que tudo paga e que nenhuma responsabilidade tem sofra prejuizos morais incalculaveis e prejuizos materiais que já sobem a centenas de contos e que, se o conflito se arrastar, ascenderão a alguns milhares.

Não sabemos a quem pertencem as responsabilidades de tudo isto. Sabemos apenas que é lamentavel o que se está passando e que é urgente que se arripie caminho.

Quem tem obrigação de resolver a questão que a resolva quanto antes—já que não soube ou não quiz «prevenir», evitando-a.

* * *

No edificio de S. José:

—O sr. Antonio Maria da Silva está?

—Está.

Indicam-nos uma cadeira.

Tencionavamos fazer ao antigo chefe do governo que, como os leitores sabem é o Administrador Geral dos Correios e Telegrafos, três preguntas:

—Em que estado se encontra a questão?

—Estão muito atrazados os serviços?

—Que providencias foram já tomadas e quais tenciona tomar?

Mas a resposta impediu-nos de as formular:

—O sr. Antonio Maria da Silva tem muita pena, mas não o póde receber. Tem muito que fazer e está com muita gente.

Resignámo-nos a não interromper o sr. Administrador Geral que certamente estava ocupado em estudar uma solução para o grave conflito

* * *

Um membro da Comissão de Resistencia, a quem preguntámos hoje, na Central do Terreiro do Paço, em que estado se encontrava a questão, declarou-nos:

—Está tudo na mesma. Ninguem se importa com o que se está passando. Não se quiz evitar o conflito, e agora não ha interesse em resolvê-lo.

—Como assim?

—Coagiram-nos a tomar uma atitude que tentámos, por todos os meios, evitar. E, mesmo assim, temos tido a maior consideração pelo publico que está sendo vitima desta situação, de que não somos culpados.

—Os serviços de maior urgencia...

—Teem seguido normalmente: o serviço internacional, os registos, as encomendas sujeitas a deterioração, os telegramas de grande pressa, etc.

—Quem é a Comissão de Resistencia?

—Quem é? E' o Conselho de Administração Geral, e muito principalmente, o seu presidente.

—Porquê?

—Porque não quizeram dar cumprimento ao despacho do dr. Pedro Pita, com que já tinha concordado, mas de que, parece propositadamente, não tratou com urgencia, não fosse aquele ministro resolver a questão, ficando assim com a simpatia do pessoal. Depois da saida do dr. Pedro Pita, nada mais se fez.

—Providencias?

—Até agora nenhuma. Depois da greve declarada, o Conselho de Administração já reuniu, mas nem sequer se ocupou do caso, como se não tivesse importancia.

—A greve passiva...

—Estende-se a todo o paiz. Fala-se em violencias, em irritar a questão em vez de a resolver, obrigando o pessoal a tomar uma atitude mais energica.

—Os jornais...

—Estavam seguindo normalmente. Mas talvez não possam continuar assim, porque uma das «importantes» resoluções do Conselho foi reduzir o pessoal das madrugadas que quasi só disso se ocupava—talvez para procurar incompatibilisar a classe com a imprensa. Mas, mesmo assim, com um enorme esforço, o pessoal conseguiu fazer o serviço, para não prejudicar os jornais. Não sei, porém, se conseguirão manter essa regularidade—porque é necessario um trabalho quasi sobrehumano.

Informam-nos de que, por todas as estações, ha montes de serviço atrazado.

Só na Central de Lisboa, encontram-se um milhão de cartas e cerca de 4.500 telegramas.

OFICINA FOTOMECANICA
FUNDADA EM 1909
Thomaz Bordallo Pinheiro
Bordallo Pinheiro,
Limitada
FOTOGRAVURA
TRICROMIA
ZINCOGRAFIA
DESENHO
GRANDE PREMIO RIO DE JANEIRO 1908
GRANDE PREMIO E MEDALHA DE OURO LISBOA 1913
PREMIO DE HONRA LEIPZIG 1914
Largo do Conde Barão, 49
LISBOA
TELEFONE 2534

NOS BASTIDORES...

Que ha

sobre politica

e ordem publica?

Os boatos

duma crise ministerial

Com o Chefe do Estado na cidade invicta, o Parlamento fechado, e o sr. Alvaro de Castro á espera da autorisação — que pode haver? O *reporter* não encontra com que satisfazer a curiosidade do publico e, a despeito de possuir uma fantasia exuberante, a ela não ocorre por escrupuloso amor á verdade.

Que ha? Não ha nada — á vista. Porque em Lisboa o vicio conspiratorio está tão enraizado, que ha sempre o direito de colocar a hipotese da existencia de coisas subterraneas.

* * *

Boatos, não faltam. Colecionamos hoje um rosario deles a que o *Correio da Manhã* deu publicidade:

«Acentuam-se os boatos da queda do governo, numa das primeiras sessões parlamentares, interrompidas até depois de ámanhã.

Mas o mais curioso do caso é a solução que se prepara para resolver mais esta crise, a acrescentar a tantas duzias delas que já tem havido na Republica.

Prepara-se, para suceder ao actual, um governo de concentração.

Não adivinha, porém, o leitor qual a concentração que se diz estar na forja.

Vamos nós dizer-lho.

E' uma concentração democratica-nacionalista!

Os democraticos, não lhes convindo, por agora, governar sósinhos, querem servir-se dos nacionalistas do Calhariz para fazerem ao sr. Alvaro de Castro o mesmo que, servindo-se deste, fizeram ao governo daquelles, aproveitando, assim, ao mesmo tempo, o ensejo para vibrar um golpe no sr. Cunha Leal e nos seus amigos, que não parecem dispostos a servir de joguete aos democraticos.

Não falta entre os actuais correligionarios do sr. Cunha Leal quem o considere indesejavel no partido, conspirando contra ele como já conspiravam contra a sua continuação em ministro das finanças do governo Ginestal Machado.

Poucos dias faltam para que, segundo se diz, este golpe politico tenha a sua confirmação.»

Devem realisar negociações, na verdade, para a constituição de um novo governo. Os politicos consideram o sr. Alvaro de Castro liquidado. Mas deve ser ainda tudo muito vago, muito indefinido, para que se possam dar informes tão precisos.

De resto, é admissivel que os nacionalistas, que ainda ontem perderam o sr. Alvaro de Castro, se preparem para, ámanhã já, perderem o sr. Cunha Leal? Tal hipotese só poderia ter alguns visos de verdade se os elementos nacionalistas pensassem em provocar uma vacatura na chefia do partido, para dela fazerem oferta ao sr. dr. Brito Camacho. Eles não o podem pensar, porque o antigo alto-comissario bem claramente tem manifestado o mais veemente desejo de se manter afastado da politica activa.

* * *

Hoje apareceram afixados em varios pontos da cidade, uns cartazes do Gremio Montanha, de protesto contra a ditadura. Não sabemos se é contra a que o sr. Alvaro de Castro pretende com a sua autorisação, se contra quaisquer propositos, mais de ordem intelectual que politica, algures manifestados. O que se destaca, em letras garrafais, é o conselho ao povo para que reclame a prisão imediata dos autores da vida cara. Vamos, pois, ter na cadeia o *deficit* orçamental e o desiquilibrio da balança economica. O que nos admira, é a aparição de gracejos de tão mau gosto, em meio do descalabro do país!

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
COM AGENTES NO BRASIL
Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17.
R. DOS FANQUEIROS, 114